

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA CAROLINA MARTINS FURINI

A Constituição do princípio do prazer na obra de Freud (1895 – 1911).

Maringá

2011

MARIA CAROLINA MARTINS FURINI

A constituição do princípio do prazer na obra de Freud (1895 – 1911).

Dissertação apresentada por Maria Carolina Martins Furini ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Área de concentração: Constituição do Sujeito e Historicidade.

Orientador: Prof. Dr. Helio Honda

Maringá

2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

F977c Furini, Maria Carolina Martins
A constituição do princípio do prazer na obra de Freud
(1895-1911) / Maria Carolina Martins Furini. -- Maringá,
2011.
90 f.

Orientador: Prof. Dr. Helio Honda.

Dissertação (mestrado em Psicologia) - Universidade
Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2011

1. Psicologia - Princípio do prazer. 2. Psicologia -
Princípio da inércia - Constância. 3. Aparelho psíquico -
Psicologia. 4. Freud, Sigmund, 1856-1939 - Metapsicologia.
Princípio do desprazer - Aparelho psíquico. I. Honda,
Helio, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro
de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-
Graduação em Psicologia III. Título.

CDD 21.ed.150.1952

MARIA CAROLINA MARTINS FURINI

A Constituição do princípio do prazer na obra de Freud (1895 – 1911).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Helio Honda

PPI/Universidade Estadual de Maringá (Presidente)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes

PPI/Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Sônia Mansano

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Aprovada em: 25 de Julho de 2011.

Local da defesa: Sala 06 do Bloco 118, campus da Universidade Estadual de Maringá.

À minha família.

AGRADECIMENTOS

A Deus em primeiro lugar, que soube me amar tão carinhosamente e me dar presentes tão valiosos que nem eu mesma saberia encontrar.

Ao Prof. Dr. Hélio Honda, que me ajudou a encontrar caminhos possíveis para eu trilhar e me ensinou muito mais do que o conhecimento acadêmico, proporcionou que dessa relação eu saísse uma pessoa melhor.

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Lopes e a Prof.^a Dr.^a.Sônia Mansano que ofereceram uma grande contribuição para o trabalho.

Ao meu marido que, com seu amor, conseguiu compreender a vida por mim quando eu não soube compreendê-la.

A minha mãe que sonhou esse sonho comigo muito antes de ser possível realizá-lo e que me lembrou dele quando eu já havia me esquecido.

Ao meu irmão que, por meio de suas conquistas, me impulsionou a alcançar as minhas.

A minha prima Renata e seu marido Luis que me acolheram tão confortavelmente em sua casa possibilitando o acesso a esse sonho.

A minha amiga Bruna que partilhou comigo as alegrias e angústias dessa jornada.

Ao meu primo Marco Antônio e sua esposa Aline que me apresentaram ao programa de mestrado e gentilmente me apoiaram para alcançar esse objetivo.

As amigas que fiz no mestrado e que vou levar para toda a vida.

Ao programa de pós-graduação em psicologia e seus docentes, que possibilitaram um conhecimento valioso para a execução deste trabalho.

A constituição do princípio do prazer na obra de Freud (1895 – 1911).

RESUMO

Este trabalho analisa a noção de princípio do prazer em três momentos da obra freudiana: em 1895, no texto *Projeto para uma psicologia*; em 1900, no capítulo VII do texto *A interpretação dos sonhos*; e em 1911 no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Menção explícita ao princípio do prazer aparece pela primeira vez, no texto de 1911, mas Freud já pensaria em algo que regularia a atividade mental muito antes disso. Em 1895, no texto *Projeto para uma psicologia*, Freud designa de princípio da inércia e noção de constância àquilo que regularia o funcionamento de um aparelho neurônico. Em 1900, no capítulo VII do texto *A interpretação dos sonhos*, Freud apresenta o princípio do desprazer como o responsável pelo funcionamento do aparelho psíquico. A dissertação visa explicitar os postulados estabelecidos por Freud nos trabalhos anteriores ao texto de 1911 para fundamentar o princípio do prazer. Freud utiliza linguagens diferentes e modifica a forma de apresentar suas hipóteses em 1895, em 1900 e em 1911 sobre um princípio regulador, mas suas funções permanecem sem muitas alterações. Com essas modificações na apresentação de seus conteúdos sobre o aparelho psíquico, compreende-se que suas hipóteses passam por elaborações até resultar na enunciação do princípio do prazer em 1911.

PALAVRAS-CHAVE: Princípio do prazer, Princípio da inércia, Noção de constância, Princípio do desprazer, Aparelho psíquico, Metapsicologia.

A constituição do princípio do prazer na obra de Freud (1895 – 1911).

ABSTRACT

This work examines the notion of pleasure principle in three stages of Freud's work: in the 1895 text *Project for a scientific psychology*; in Chapter VII of the 1900 text *The interpretation of dreams*; and in the 1911 text *Formulations on the two principles of mental functioning*. The first explicit mention of the pleasure principle concept appears in the 1911 text, but Freud would already think of something that would regulate the activity of mind long before that. In 1895, in *Project for a scientific psychology*, Freud calls principle of inertia and principle of constancy that which would regulate the operation of a neuron system. In 1900, Chapter VII of *The interpretation of dreams*, Freud presents the principle of unpleasure as the responsible for the functioning of the psychic apparatus. The dissertation aims to clarify the postulates set out by Freud in works previous to the 1911 text to support the pleasure principle. Freud uses different languages and changes the presentation of his cases on a regulatory principle in 1895, 1900 and 1911, but the functions remain unchanged. With these changes in the presentation of his contents of the psychic apparatus, it is understood that his hypothesis went through elaborations until culminating in the enunciation of the pleasure principle concept in 1911.

KEYWORDS: Pleasure principle, Principle of inertia, Notion of constancy, Unpleasure Principle, Psychic apparatus, Metapsychology.

Sumário

Introdução.....	09
Capítulo 1 - O princípio da inércia e a noção de constância no <i>Projeto de uma psicologia, de 1895</i>.....	18
1.1 Considerações gerais sobre o <i>Projeto</i>	19
1.2 As duas noções iniciais do <i>Projeto</i> ...: a quantidade e o neurônio...	28
1.3 O princípio fundamental da atividade nervosa: o princípio da inércia.....	35
1.4 A modificação do princípio da inércia: a noção de constância.....	39
1.5 Considerações finais.....	42
Capítulo 2 - O princípio do desprazer e o funcionamento do aparelho psíquico de 1900: uma reelaboração das hipóteses do <i>Projeto</i>.....	44
2.1 Considerações gerais sobre o capítulo VII de <i>A interpretação dos sonhos</i>	45
2.2 A estrutura do aparelho psíquico em 1900.....	47
2.3 O funcionamento do aparelho psíquico e a vivência de satisfação.	55
2.4 A vivência de dor e a regulação do princípio do desprazer	63
2.5 Considerações finais.....	75
Capítulo 3 – A denominação “princípio do prazer” em 1911: uma síntese a partir do <i>Projeto</i>... de 1895 e <i>A interpretação dos sonhos de 1900</i>.....	77
Conclusão.....	86
Referências	88

Introdução

O presente trabalho é dedicado ao estudo do princípio do prazer na obra de Freud, no período de 1895 a 1911. O princípio do prazer é um dos princípios que regulam o funcionamento do aparelho psíquico e, em linhas gerais, podemos dizer que segundo esse princípio o funcionamento do psiquismo é caracterizado pela evitação do desprazer e busca do prazer. O que Freud se propõe ao supor um princípio do prazer é esclarecer os mecanismos psíquicos que nos permitiriam compreender as razões dessa busca pelo prazer ou evitação do desprazer, ou seja, o princípio do prazer, forjado por Freud desde o início de sua obra, remete ao psíquico inconsciente, ao que regula o funcionamento do aparelho psíquico. Tal aparelho é concebido por Freud como um instrumento complexo para explicar o funcionamento do psiquismo humano, essencialmente inconsciente.

Segundo Strachey (1958/2001), a primeira menção ao princípio do prazer na obra freudiana dá-se em 1911, no texto *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental*. Ao comentar esse texto, escreve ele: “Parece ser esta a primeira oportunidade em que se considera o termo “princípio do prazer”; em *A interpretação dos sonhos* (1900) é sempre denominado princípio do desprazer” (Strachey, 1958/2001, p. 224, grifo no original). Mas, apesar de ser designado princípio do prazer em 1911, esse princípio tem como base os princípios que Freud forja em um período anterior de sua obra, a saber, o princípio da inércia e a noção de constância, em 1895, no texto *Projeto de uma psicologia*¹, e o princípio do desprazer, em 1900, no Capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Assim, em termos mais precisos, o objetivo deste trabalho é fazer um exame do princípio regulador do funcionamento do psiquismo desde a proposição freudiana do princípio da inércia, feita em 1895, até a enunciação explícita do princípio do prazer, em 1911, passando pela formulação do princípio do desprazer, apresentada em 1900.

Para Laplanche e Pontalis (1967/2008 p. 362), “a antiga noção de princípio da inércia apresenta o interesse de ajudar a concretizar o sentido dos princípios econômicos fundamentais que regulam o funcionamento do aparelho psíquico”. A análise do princípio do

¹ Para simplificar utilizar-se á daqui para frente a abreviação *Projeto...* como indicação deste texto.

prazer a partir do texto de 1895 é essencial para fundamentar as elaborações que Freud faz do conceito. No texto do *Projeto...* Freud toma o princípio da inércia como princípio fundamental da atividade nervosa e constrói um complexo argumento para explicar o funcionamento de um aparelho neurônico. A partir da discussão do princípio da inércia, apresentada no *Projeto...*, acreditamos poder extrair elementos para fazer uma análise do princípio do desprazer em 1900, para, enfim, fundamentar o princípio do prazer em 1911.

Antes de iniciarmos com o exame do tema proposto, faz-se necessário abrir um parêntese para apresentar uma breve exposição sobre o caráter da conceituação que Freud produz, que forma o contexto em que esses conceitos estão inseridos. O princípio do prazer encontra-se articulado no interior de uma estrutura teórica que se denomina metapsicologia. Convém, então, esclarecer o que se entende por metapsicologia e qual sua importância para este trabalho.

Freud, em *Dois verbetes de enciclopédia* (2004), diz que Psicanálise é o nome de

- 1) um procedimento que serve para indagar processos psíquicos dificilmente acessíveis por outras vias; 2) de um método de tratamento de perturbações neuróticas, fundado nestas indagações, e 3) de uma série de informações psicológicas guiadas por esse caminho, que pouco a pouco vão se transformando em uma nova disciplina científica (Freud, 1923/2004, p. 231).

Se levarmos em consideração essas definições da psicanálise, há que se questionar, então, em qual delas a metapsicologia encontrou lugar. Para Garcia-Roza, quando se fala em metapsicologia faz-se referência ao “conjunto da elaboração teórica de Freud, a produção de modelos conceituais ...” (2004, p.11). A metapsicologia formaria, portanto, o suporte teórico da psicanálise. Freud empreende esses estudos com vistas a uma psicologia que avança para além da consciência, como nos aponta em sua carta a Fliess de 10 de março de 1898: “Por outra parte te pergunto seriamente se para minha psicologia que avança para trás da consciência é lícito usar o nome de ‘metapsicologia’” (Freud, 1950/2001, p. 316 grifo no original). Freud não realiza um estudo teórico qualquer, ele tenta forjar uma teoria sobre um aparelho psíquico, e com uma linguagem conceitual procura dar sentido a uma realidade subjetiva que não se restringe apenas a consciência – ou seja, uma realidade psíquica que se estende para além da consciência, a realidade do inconsciente psíquico.

Em 1915, no texto *O Inconsciente*, Freud escreve: “... proponho que quando conseguirmos descrever um processo psíquico em seus aspectos *dinâmicos, tópicos e econômicos*, isso se chame uma exposição *metapsicológica*” (1915/2003, p. 186, grifo no original). Ao estudar um conceito que abrange essas três dimensões, pode-se dizer que esse conceito faz parte dos estudos metapsicológicos. Para esclarecer essas três dimensões iremos tomá-las individualmente, apenas para fins didáticos, pois, sua utilização e possível compreensão se faz de forma conjunta. Segundo Laplanche e Pontalis, o aspecto dinâmico refere-se aos “... fenômenos psíquicos como resultantes do conflito e da composição de forças que exercem uma certa pressão, sendo essas forças, em última análise, de origem pulsional” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 119). O aspecto tópico é compreendido como

... uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros, o que permite considerá-los como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 505).

Por fim, o aspecto econômico “... se refere à hipótese de que os processos psíquicos consistem na circulação e repartição de uma energia quantificável (energia pulsional), isto é, suscetível de aumento, de diminuição, de equivalências” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 121). No texto *O Inconsciente*, Freud utiliza esses três aspectos para explicar os fenômenos psíquicos. Escreve ele:

Vemos que pouco a pouco estamos delineando, na exposição de certos fenômenos psíquicos, um terceiro ponto de vista além do dinâmico e do tópico, a saber, o *econômico*, que aspira a perseguir os destinos das magnitudes de excitação e a obter uma estimação pelo menos relativa deles. (Freud, 1915/2003, p. 178 grifo no original).

O aspecto econômico é essencial para o tema deste trabalho, uma vez que o princípio do prazer está implicado diretamente com a regulação da circulação de quantidades de excitação no interior do aparelho psíquico. Em 1920 Freud começa o texto *Além do princípio do prazer* nestes termos:

Na teoria psicanalítica adotamos sem reservas o suposto de que o curso dos processos psíquicos é regulado automaticamente pelo

princípio do prazer. ... Ao considerarmos com referência a esse curso dos processos psíquicos por nós estudado, introduzimos em nosso trabalho o ponto de vista econômico. A nosso juízo, uma exposição que além dos aspectos tópicos e dinâmicos tente apreciar esse outro aspecto, o econômico, é a mais completa que podemos conceber no momento e merece distinguir-se com o nome de “exposição *metapsicológica*” (Freud, 1920/2004, p. 7 grifo no original).

O ponto de vista econômico estaria relacionado com o conceito de investimento que denota uma ação em que quantidades de excitação são deslocadas de um lugar para o outro. A própria noção de investimento já implica um movimento. Freud refere-se à economia dos processos psíquicos por toda a obra. Portanto, o ponto de vista econômico é o que está diretamente relacionado ao tema desta dissertação, já que “... sugere a hipótese de uma verdadeira carga afetiva que se desloca de um elemento para outro ao longo de um caminho condutor” (Laplanche & Pontalis, 1982/2008, p. 122).

Na tentativa de elucidar essa questão central para o presente trabalho, a qual tem a ver com o aspecto econômico dos processos psíquicos, esclarecemos que o termo investimento é a tradução do alemão *Besetzung*, também traduzido para o português como catexia e ocupação². Segundo Laplanche e Pontalis, investimento é um conceito econômico e consiste no “... fato de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.” (1967/2008, p. 254).

O investimento está na base de todos os pressupostos teóricos que Freud tentou estabelecer sobre o aparelho psíquico, é a base econômica dos princípios que regulam o aparelho psíquico e estará presente toda vez que Freud usa frases como: soma de excitação, montante de afeto, grupos de representações sexuais dotadas de energia, alterações de excitabilidade do sistema nervoso, entre outras. Além disso, como foi assinalado acima, o

² Conforme as considerações de Laplanche e Pontalis (2008/1982), o verbo Alemão *besetzen* pode apresentar vários sentidos: ocupar um lugar ou no sentido militar, ocupar uma cidade; investimento no sentido militar de tomar uma praça ou uma área e também investimento no sentido financeiro, o gasto de dinheiro em algum negócio (empresarial). Gabbi Jr. (2003) ao traduzir o *Projeto...* empregou o termo ocupar no lugar de investir ou catexizar, pois em suas considerações entende que o termo ocupar estaria mais próximo do sentido do uso freudiano, o de um neurônio dotado de quantidade.

aspecto econômico constitui-se em uma das três perspectivas de análise de um fenômeno psíquico na abordagem metapsicológica de Freud.

Para transformar e transmitir as excitações provenientes dos estímulos externos e internos, Freud concebeu um complexo instrumento – o aparelho psíquico. Em sua evolução e desenvolvimento, tal aparelho constituir-se-ia por diferentes sistemas ou instâncias que sugerem que os processos psíquicos se dão numa série temporal e espacial. Para Laplanche e Pontalis (1982/2008), Freud sugere a ideia de certa organização ou de uma disposição interna, e atribui aos lugares psíquicos uma ordem que acarreta uma sucessão temporal determinada. Os diferentes sistemas que compõem o aparelho psíquico processariam as excitações que devem seguir uma ordem que fixaria uma espécie de lugar psíquico desses diversos sistemas, e não por uma localização anatômica. O aparelho psíquico seria regulado por certo tipo de tendência e para explicá-lo Freud, entre outros conceitos, estabelece certos princípios de funcionamento que ao longo da obra, apresentam-se de formas diferentes, até chegar à denominação conhecida como princípio do prazer, questão a qual este trabalho objetiva analisar.

Convém assinalar que as concepções metapsicológicas de Freud são forjadas para dar conta dos fenômenos da clínica. No capítulo VII de *A interpretação dos Sonhos* (1900) podemos encontrar algumas considerações de Freud a esse respeito, nas quais deixa claro que não seria possível chegar a um esclarecimento do sonho como um fato psíquico, pois não existia nenhuma teoria capaz de explicar suficientemente tal fenômeno. Ele considera então necessária a formulação de uma nova teoria sobre o psiquismo que se aproxime de uma explicação sobre o processo psicológico dos sonhos. Nas palavras de Freud:

Tropeçamos com a impossibilidade de *esclarecer* o sonho como um fato psíquico, pois explicar significa reconduzir a algo conhecido, e por hora não existe nenhum conhecimento psicológico ao qual pudéssemos subordinar o que cabe discernir como princípio explicativo a partir do exame psicológico dos sonhos. Pelo contrário, necessitaremos estabelecer uma série de novos pressupostos que rocem mediante conjecturas o edifício do aparelho psíquico e das forças que nele atuam ... (Freud, 1900/2004, p. 506, grifo no original).

O capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos* (1900) é um exemplo de como Freud se posiciona na tentativa de formular conceitos ou teorias para elucidar os processos psíquicos

dos sonhos e assim dar conta teoricamente dos fenômenos da clínica. Inclusive, em 1915, dedicou-se a escrever uma série de artigos metapsicológicos com a intenção de “esclarecer e aprofundar as hipóteses teóricas que poderiam colocar-se na base de um sistema psicanalítico” (Freud, 1915/2001, p. 221).

O sentido do termo metapsicologia não é apenas o de um corpo teórico, pelo simples fato de existirem conceitos que foram forjados por Freud, mas há uma relação íntima com a prática clínica. A tradução dos fenômenos apresentados na clínica em conceituações implica um diálogo entre eles. O caso clínico poderia ser visto como um laboratório no qual se processa a articulação dos desdobramentos conceituais e técnicos (Honda, 2008). Assim, quando há algum impasse teórico, a clínica sofre efeitos, da mesma forma, também, quando a prática clínica tem suas paralisações, seus entraves, faz-se necessária mais produção teórica para que aquela se desenvolva. Portanto, o estudo da teoria, ou a elucidação de uma parte dos conceitos metapsicológicos de Freud, não é feito de forma isolada, pois os conceitos e a teoria são gerados em um diálogo com a clínica, razão pela qual não há como desvinculá-los dela. Quanto mais claras e bem definidas as conceituações metapsicológicas, poder-se-ia esperar uma maior precisão na abordagem da clínica.

Também devido a relação indissociável com a clínica, os conceitos metapsicológicos não são conceitos rígidos, eles sofrem elaborações ao longo da obra de Freud. Pela mesma razão, dificilmente podem ser apreendidos isoladamente, sendo necessária uma rede mínima de outros conceitos em torno de um conceito específico para que ele seja compreendido adequadamente. Os conceitos forjados por Freud, como atesta Monzani (1989), não são estáticos, eles apresentam elaborações dentro da teoria de acordo com os progressos dos estudos do autor que ocorreram em virtude do trabalho clínico realizado. Leiamos as palavras de Monzani sobre o método que Freud utilizava: “O que temos é sempre uma progressiva rearticulação e redefinição dos conceitos determinada por sua lógica interna e pela progressiva integração dos dados da experiência” (Monzani, 1989, p. 303). Dessa forma, um conceito anterior, ainda não esclarecido, gradativamente vai encontrando definição ao longo da obra de Freud. Tais reelaborações são feitas de forma a garantir a consistência da teoria, por articulações lógicas entre considerações e certos pressupostos tomados de partida. Nesse sentido, os princípios ou pressupostos básicos sobre os quais Freud assenta a conceituação que forma a metapsicologia já estão no *Projeto para uma psicologia* de 1895. Strachey diz em nota ao texto do *Projeto...* que “... apesar de ser um documento neurológico, contém em si o

núcleo de grande parte das posteriores teorias psicológicas de Freud” (Strachey, 1966/2001, p. 333). Pode-se encontrar em textos metapsicológicos posteriores ao *Projeto...* conceitos bem definidos que partiram de pressupostos do *Projeto...* como, por exemplo, o tema deste trabalho. No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* encontrar-se-á, como veremos mais à frente, uma elaboração do princípio do desprazer, que partiu da idéia freudiana sobre o princípio da inércia e noção de constância do *Projeto...* .

Para Freud (1915), os conceitos de uma determinada ciência não estão definidos claramente desde o início. Esses conceitos, conforme o método de pesquisa do autor, são desenvolvidos paulatinamente de acordo com as elaborações teóricas feitas em articulação com novos achados em seus atendimentos clínicos. Com isso, Freud relacionava esses conteúdos – empíricos - e fragmentos de conceitos, com conceitos já elaborados para avançar nas suas descobertas. Em *Pulsões e destinos das pulsões* Freud se refere dessa forma:

Ouvimos muitas vezes a afirmação de que uma ciência deve ser construída com conceitos claramente bem definidos e com precisão. Mas nem mesmo a ciência mais exata começa com tais definições. O início da atividade científica consiste, sobretudo, na descrição de fenômenos que são agrupados, ordenados e inseridos em conexões. ... Só depois de ter explorado mais a fundo o campo dos fenômenos em questão, é possível apreender com maior exatidão os conceitos científicos básicos e ajustá-los para que sejam utilizados em um vasto âmbito, e para que sejam por completo isentos de contradição. Então quem sabe haveria chegado a hora de cunhá-los em definições (Freud, 1915/2001, p. 113).

Monzani (1989/2004) expõe suas considerações na tentativa de compreender os caminhos que Freud utiliza na elaboração de um conceito:

A psicanálise freudiana parece ter sido muito mais uma lenta gestação conceitual onde as noções foram retificadas, precisadas, repensadas ou explicadas umas em função das outras e também em função das novas aquisições fornecidas pela prática clínica (Monzani, 1989, p. 302).

Assim como outros conceitos metapsicológicos, mesmo não sendo denominado como tal, o princípio do prazer estaria presente desde o início da obra freudiana, mas

requereria elaborações até sua denominação precisa, e por esse motivo é possível identificá-lo sob formas diferentes ao longo dos textos metapsicológicos. Sendo assim, estudaremos o princípio do prazer em suas relações com o princípio da inércia e a noção de constância, de 1895, e com o princípio do desprazer, de 1900. Para tanto, faremos a análise dos textos respeitando esse caráter específico da obra de Freud, começando pelo texto do *Projeto...*, de 1895, que vem primeiro, cronologicamente, e, em seguida, o capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos*, de 1900.

O princípio do prazer será estudado em relação ao princípio da inércia, a noção de constância e ao princípio do desprazer, pois veremos que Freud se utiliza dessas diferentes nomenclaturas para designar a função de regular os processos que ocorrem no aparelho psíquico. Nos anos de 1895 e 1900, Freud apresenta uma teoria sobre o funcionamento mental e de maneira particularmente diferente, nomeia o que o regularia em cada um desses momentos. A saber: em 1895 designa o que regula o aparelho neurônico como princípio da inércia, e em 1900 apresenta como princípio do desprazer o regulador do aparelho psíquico.

É importante salientar que a leitura do *Projeto...* (1895), feita antes do estudo do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), facilita a melhor compreensão deste, pois muitos conceitos que Freud esclarece em 1895, ele apenas os cita em 1900; e o exame do princípio da inércia e dos componentes que Freud utiliza no *Projeto...* para forjar uma teoria sobre o sistema neurônico proporciona uma maior amplitude ao estudo do princípio do desprazer em 1900. Contudo, essa estratégia de análise apresenta o inconveniente de tornar inevitável certas repetições, como, por exemplo o princípio da inércia e a noção de constância que são apresentados de uma forma mais geral na primeira seção e aprofundados nas seções 1.3 e 1.4.

Para que o estudo do *Projeto...* venha contribuir para a clarificação de algumas considerações de Freud em 1900, o primeiro capítulo deste trabalho visa mostrar como Freud forjou o princípio da inércia e a noção de constância no texto do *Projeto...* de 1895. Freud utilizou o que havia de conhecimento sobre as noções de quantidade e neurônio e consegue expor suas ideias, remetendo à compreensão do funcionamento de um aparelho neurônico. O capítulo está organizado em cinco tópicos. O primeiro contém uma exposição geral sobre o *Projeto...* para situar os princípios da inércia e a noção de constância dentro do texto, seus componentes e seu funcionamento. O segundo tópico trata de desenvolver as noções de quantidade e neurônio que Freud utiliza para derivar os princípios que viriam a seguir. Os

terceiro e quarto tópicos apresentam as duas hipóteses que Freud delinea a partir dos elementos citados anteriormente que culmina nos princípios fundamentais que regulam a atividade dos neurônios em 1895, a saber – o princípio da inércia e a noção de constância. O tópico final guarda algumas considerações sobre o texto e sua importância para o trabalho.

O segundo capítulo trata do princípio do desprazer no capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos* de 1900, texto no qual Freud sistematiza a noção de um aparelho psíquico e o princípio do desprazer regularia seu funcionamento. Para o exame do princípio do desprazer no texto de 1900, o primeiro tópico contempla uma apresentação geral do texto, na qual consideramos o contexto em que ele foi escrito e os objetivos de Freud ao forjar uma teoria sobre o aparelho psíquico em um trabalho sobre os sonhos. O segundo tópico apresenta os sistemas que compõem o aparelho psíquico, como Freud monta sua estrutura e, de um modo geral, como ele concebe o aparelho psíquico em 1900. O terceiro tópico apresenta o funcionamento do aparelho, a vivência de satisfação e suas implicações para a melhor compreensão da regulação do princípio do desprazer. O quarto tópico contém a exposição de outra vivência – a vivência de dor – e com ela a regulação do princípio do desprazer propriamente dito.

Após uma análise dos princípios reguladores do funcionamento psíquico propostos em 1895 e em 1900, estaremos em condições de, no capítulo 3, avaliar se o princípio do prazer, enunciado a partir do texto de 1911, *Dois princípios do funcionamento mental*, resulta como um prolongamento das teorias anteriormente examinadas. Sendo assim, no terceiro capítulo apresentamos uma breve exposição sobre o princípio do prazer, conforme finalmente enunciado por Freud, para que seja possível relacioná-lo aos textos de 1895 e 1900. Freud não se aprofunda muito em suas considerações sobre o princípio do prazer no texto de 1911, visto que se trata de um texto com caráter de resumo, atribuindo as bases deste às teses de 1895 e 1900.

Capítulo 1

O princípio da inércia e a noção de constância no *Projeto de uma Psicologia, de 1895*.

O princípio da inércia e a noção de constância são apresentados em *Projeto de uma psicologia* como hipóteses para tentar explicar o que regula o funcionamento de um aparelho neurônico. Esse aparelho neurônico foi a primeira tentativa freudiana de explicação do funcionamento mental³. Assim, trata-se de uma concepção ainda baseada em pressupostos neurológicos daquilo que Freud irá chamar de aparelho psíquico, propriamente dito, em *A Interpretação dos sonhos*, de 1900. Embora tenha como objetivo dar conta das funções de um aparelho psíquico, o “instrumento complexo” que ele forja no *Projeto...* é concebido com bases em uma estrutura neurológica. Freud toma como base a ciência natural, que em suas palavras seria “... expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas...” (Freud, 1950/2003. p. 175), e elabora uma noção de aparelho neuropsíquico.

O *Projeto...* é um texto complexo, não publicado pelo autor, no qual suas descobertas estão consideradas de forma resumida e endereçadas ao amigo Fliess que já partilhava de suas ideias. Em virtude disso, faz-se necessária uma análise cuidadosa das partes relevantes para esse trabalho, a fim de tentar esclarecer conceitos e articulações que revelariam o caminho percorrido para ele propor os princípios que se encontram neste texto – o princípio da inércia e a noção de constância. Primeiramente faremos algumas considerações sobre o *Projeto...* mostrando o que ele apresenta como proposta para um aparelho neuropsíquico; no segundo tópico veremos o que se entende por quantidade e neurônio, quais conhecimentos ele possuía sobre esses elementos e como teria se apropriado deles para formular suas hipóteses. No terceiro tópico expomos a primeira suposição básica ou hipótese que Freud deriva das noções de quantidade e neurônio – o princípio da inércia. No quarto tópico esclareceremos a necessidade de supor outro tipo de regulação do sistema neurônico – a noção de constância. O

³ “Entwurf (O *Projeto...*) é a tentativa de descrever empiricamente o funcionamento da mente humana, de acordo com causas naturais” (Gabbi, Jr. 2003, p. 19).

esclarecimento das suposições iniciais apresentadas no *Projeto...* fundamentaria as hipóteses essenciais sobre os princípios que regulam o sistema neurônico, sendo estas necessárias para uma compreensão mais ampla das hipóteses que Freud estabeleceu sobre o aparelho neurônico.

1.1 Considerações gerais sobre o *Projeto de uma psicologia*

Freud começa a escrever o texto do *Projeto...* no trem, voltando de um encontro com Fliess, “concluindo-o” em duas ou três semanas (Masson,1986). Apesar do aparente interesse e dedicação a esse texto, Freud deixou-o inacabado e não se poupou de críticas durante a redação do mesmo. Segundo Strachey (1966/2001), durante muito tempo o texto ficou esquecido pelo autor e quando foi encontrado por Marie Bonaparte, a reação de Freud foi a de solicitar que fosse destruído junto com as cartas em meio as quais estava o texto. O texto foi comprado por Marie Bonaparte em meio às correspondências de Freud a Fliess em um livreiro – conforme correspondência completa Freud\Fliess (Masson,1986). O texto do *Projeto...* foi publicado apenas em 1950, mais de 10 anos após a morte do autor. Por não ter sido publicada pelo autor, a obra carece de elucidações e de uma revisão mais cuidadosa sobre vários aspectos. É considerado um texto complexo e, segundo Simanke (2002), ele teria uma “redação extremamente condensada” (p. 05), razão pela qual suas teses acabam se tornando um desafio para o leitor.

Apesar da rejeição de Freud pelo texto e de toda a dificuldade para estudá-lo, trata-se de um material precioso, que contém o esboço de muitas teorias que se tornariam fundamentais. Alguns autores podem confirmar a importância dessa posição em relação ao texto. Strachey (1966/2001) relata que na tradução do *Projeto...* encontram-se várias notas de rodapé remetendo partes do texto a produções posteriores de Freud e que “Esta circunstância expressa a verdade de que o *Projeto...* apesar de parecer um documento neurológico, contém em si o núcleo de grande parte das futuras teorias psicológicas de Freud” (Strachey, 1966/2001, p. 333). Além de Strachey, outros autores como Simanke (2002) também consideram o texto do *Projeto...* “... um documento indispensável para compreender a lógica e a dinâmica interna do desenvolvimento do pensamento freudiano” (Simanke, 2002, p. 05). Ainda, Garcia-Rosa (2004) considera que o que Freud recusou foi o texto como uma obra

acabada, completa, mas não recusou todos os pressupostos nela contidos, pois alguns deles aparecem posteriormente em quase toda a extensão de sua obra. A recusa de Freud parece estar voltada a certo cuidado, justamente pelo fato de o texto conter ideias condensadas com a necessidade evidente de elucidação.

O princípio do prazer encontra sua gênese em meio a essas teorias que Freud esboça nesse texto e faz elaborações durante a obra. O estudo desse texto como proposta inicial deste trabalho permite reconhecer em suas considerações neurológicas o germe daquilo que vem a ser futuramente o princípio do prazer. Os princípios que regem o funcionamento desse sistema neurônico proposto em 1895 servem de base para compreendermos de forma mais precisa o sentido freudiano do princípio do prazer. A linguagem neurológica, que Freud usa para propor o princípio da inércia e a noção de constância, faz com que seja necessária uma exposição, com certo detalhe, do que vem a ser os elementos essenciais para a compreensão do princípio que nos interessa esclarecer – a quantidade e o neurônio. Assim, Freud inicia o texto com o objetivo de propor uma psicologia naturalista e quantitativa, traduzindo um funcionamento psíquico em linguagem neurológica, quantitativa. Até certa parte do *Projeto...*, Freud consegue atingir seu objetivo, no entanto, com o desenvolvimento do texto ele admite a impossibilidade de continuar suas teses sem fazer referência à consciência e interrompe parcialmente seu propósito acima citado. Ao introduzir a consciência no *Projeto...*, fez-se necessária a introdução de características qualitativas, mas Freud não desiste de seu objetivo e passa a tentar explicar também a consciência mediante processos quantitativos. Essa tentativa, segundo autores como Simanke (2002) e Garcia-Rosa (2004), não foi necessariamente mal sucedida, mas essa questão contém algumas lacunas que Freud tentaria solucionar durante toda sua obra.

No primeiro parágrafo do *Projeto...* Freud define a psicologia científica e naturalista que pretende fornecer, a proposta é “... expor os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais capazes de serem especificadas ...” (Freud, 1950/2003, p. 175). Nesta definição, estão incluídas duas ideias principais: a de quantidade, como a soma de excitação que ocupa e percorre o sistema de neurônios e a de neurônio como o elemento material básico do sistema. Por meio dessas duas ideias, Freud tentará construir toda uma nova psicologia. Essa psicologia apresentada no *Projeto...* tornar-se-ia a primeira concepção sobre o aparelho psíquico. O texto de 1895 mostra que os princípios que regem o funcionamento desse aparelho forjado por Freud, são o princípio da

inércia e a noção de constância, de que trata este capítulo. Para situar o princípio da inércia e a noção de constância dentro do arcabouço teórico que é o *Projeto...*, apresentaremos de forma geral o que Freud propõe com esse texto. A partir disso, é possível, de uma forma mais aprofundada, tratar do princípio da inércia, da noção de constância e dos elementos que estariam diretamente relacionados a eles.

Como já declaramos anteriormente, no *Projeto...* Freud (1950/2003) utilizou-se de linguagem neurológica para tentar explicar processos psíquicos, e apresentou um complexo esquema teórico envolvendo conceitos como neurônio, para designar o elemento material básico do sistema, e quantidade, para designar o que o autor concebia como a soma de excitação que ocupa e percorre o sistema de neurônios. A quantidade seria algo que circula no sistema e toma um ou outro caminho de acordo com as facilitações ou resistências encontradas entre os neurônios. Os neurônios seriam partículas materiais passíveis de serem ocupados por quantidade⁴. A partir disso, Freud propõe uma tendência para a atividade dos neurônios – essa tendência diz que os neurônios aspiram a libertar-se de Q. Essa tendência a manter-se livre de Q é o que Freud denominou de princípio da inércia, o princípio fundamental da atividade nervosa – os neurônios devem permanecer com nível de $Q = 0$, ou seja, os neurônios deveriam descarregar toda a quantidade de excitação recebida. Para que isso ocorra, um movimento reflexo seria responsável pelo cancelamento de Q em decorrência da entrada de Q no corpo neuronal. A eliminação de Q pode ser feita por meio de uma descarga motora ou da fuga do estímulo. Esse tipo de eliminação, que visa a manter $Q = 0$, só poderia funcionar com excitações provenientes do mundo externo, em que a descarga motora ou a fuga do estímulo não prejudicaria a sobrevivência do organismo. Essa tendência teria uma função primária – a eliminação de Q.

Entretanto, esse tipo de funcionamento, que visa apenas a eliminação, não serve para explicar a complexidade do organismo, que recebe quantidade de excitação também de origem endógena.⁵ As quantidades endógenas são designadas como necessidades vitais, como a fome, a respiração e a sexualidade. Esse tipo de estímulo como, por exemplo, a fome, não cessa enquanto não se obter alimento; as necessidades da vida requerem outro tipo de

⁴ Para facilitar a exposição, seguiremos a notação de Freud e daqui para frente utilizaremos a abreviação Q para quantidade.

⁵ Gabbi Jr. (2003) esclarece que a existência de um organismo que funcione apenas com estímulos exógenos seria fictícia, discutiremos essas questões na seção 1.3 – O princípio da inércia, p. 41 e seguintes.

regulação para que seja possível a sobrevivência do organismo. Para que a eliminação ocorra de forma satisfatória em organismos que recebem estímulos também do interior do corpo, é necessário que uma ação considerada por Freud, específica, realizada no exterior ofereça o que for preciso para que o estímulo cesse. Em relação ao exemplo da fome, o alimento precisa ser apresentado ao organismo que está faminto, para que assim os caminhos de eliminação possam ser adequadamente percorridos e a interrupção do estímulo no interior do organismo aconteça por um determinado tempo. Para que a ação específica se realize é necessário aguardar um certo tempo antes da eliminação, pois a ação do exterior nem sempre é imediata, e necessita que seja alcançado certo nível de Q para que esta se realize. Para que a ação específica se realize o acúmulo de certo montante de quantidade é indispensável e isso rompe com o princípio fundamental da atividade nervosa que diz que a tendência principal é manter $Q = 0$.

O princípio da inércia funcionaria com estímulos provenientes do mundo externo, pois a eliminação desse tipo de estímulo não prejudicaria a sobrevivência do organismo. Essa tendência precisa ser modificada em virtude das necessidades da vida e um funcionamento secundário parece se impor aqui para que o organismo não pereça. Além da função primária de eliminação é necessário que ocorra uma manutenção da quantidade, ou seja, uma tendência que seja possível manter um mínimo de Q no interior do organismo. Essa tendência é chamada por Freud (1950/2003) de constância. O princípio da inércia não é abandonado por completo, sua tendência original persiste como pano de fundo da noção de constância que precisa manter a quantidade no mínimo possível para atender as necessidades vitais. A tendência à inércia sempre será original, sua modificação implicará em um esforço do organismo para manter a quantidade com um nível mínimo possível, pois sem isso a vida não teria lugar. Freud diz que o funcionamento do sistema nervoso seria regulado ou pelo princípio da inércia que tende a eliminação ou por meio da noção de constância que tem a função de cessar o estímulo como imposição da vida. Como se trata da questão nuclear deste primeiro capítulo, o princípio da inércia e a noção de constância serão analisadas em maior detalhe, respectivamente, nas seções 1.3 e 1.4 abaixo. Vejamos, antes, alguns elementos necessários para essa discussão.

O acúmulo de um mínimo de quantidade é necessário para que a ação específica possa se realizar e ocorra a satisfação das necessidades da vida. O que possibilita o acúmulo de quantidade são as resistências à eliminação, resistências que têm o valor de barreiras e se

localizam no contato entre os neurônios. A suposição da existência de barreiras de contato é frutífera em muitas direções, considera Freud (1950/2003), e uma dessas direções é a possibilidade de um acúmulo de quantidade no interior do sistema necessário à ação específica. A suposição das barreiras de contato permite que Freud introduza os sistemas de neurônios e os separe de acordo com o desempenho da quantidade em cada um deles. As duas classes são: 1- os neurônios que deixam passar quantidade como se não possuíssem barreiras e 2- os que as barreiras de contato são eficientes e a quantidade não passa ou só parcialmente.

A primeira classe de neurônios, os que deixam passar quantidade como se não possuíssem barreiras, referem-se às células perceptivas, pois retornam ao estado anterior após a passagem de quantidade, estando sempre aptos a receber uma nova percepção assim que um curso excitativo se encerra. Diante dessas afirmações, os neurônios que deixam passar quantidade sem retenção alguma seriam os que estão sob o funcionamento do princípio da inércia, são neurônios que não possuem memória, retornam ao estado anterior sem nenhuma alteração. Freud os designa de sistema de neurônios Φ (letra grega Phi) e diz que são neurônios permeáveis que servem a percepção. Esses neurônios obedecem à função primária de eliminação, mostrando que as barreiras não são eficientes para essa classe de neurônios.

A outra classe de neurônios, os que não deixam passar quantidade ou apenas uma parcela dela, refere-se às células de memória, em que as barreiras de contato são eficientes, possibilitando a retenção de quantidade. Essa classe de neurônios não retorna ao estado anterior após a passagem de quantidade, estando eles sempre modificados assim que um curso excitativo se encerra. Diante dessas afirmações, sabemos que os neurônios que retêm quantidade são os que estão sob o funcionamento da constância. Esses neurônios pressupõem a existência da memória, modificando seu estado a cada passagem de quantidade. Freud os designa de sistema de neurônios Ψ (letra grega Psi) e diz que são neurônios impermeáveis. Esses neurônios obedecem à função secundária, confirmando a eficiência das barreiras e a possibilidade à vida.

Freud (1950/2003) introduz um elemento importante para a compreensão tanto da ineficiência das barreiras de contato quanto da explicação da memória em relação aos neurônios Ψ – o termo facilitação. Os neurônios Ψ , responsáveis pela memória, são permanentemente alterados a cada passagem de quantidade e para que ocorra a alteração dos neurônios a cada passagem de quantidade, as barreiras de contato têm que aceitar certo grau de facilitação para que elas se tornem um pouco mais capazes de condução de quantidade, ou

seja, mais permeáveis. A barreira de contato, aceitando certo grau de facilitação⁶, permite aos neurônios Ψ a passagem de certa quantidade, alterando a barreira pelo grau de facilitação que foi permitido neste curso excitativo.

O sistema de neurônios Ψ é responsável pela memória e com as características de impermeabilidade difere do sistema Φ por encontrar-se em um estado diferente, modificado a cada passagem de quantidade. As facilitações necessariamente precisam ser diferentes entre os neurônios Ψ , pois se fossem todas iguais, não haveria a possibilidade de representar a memória. Se as facilitações das barreiras de contato forem todas iguais, esse sistema correria o risco de tornar-se muito parecido ou igual ao sistema Φ , pois tornariam possíveis a passagem de quantidade como se as barreiras não exercessem sua função. Com essa diferença, o curso excitativo percorreria melhor um caminho em detrimento do outro, pois algumas barreiras de contato são mais bem facilitadas que outras. Esta é a característica da memória, a escolha da direção do curso excitativo pelo caminho melhor facilitado e disso depende a diferença das facilitações em relação aos neurônios Ψ . Se algumas barreiras de contato forem mais bem facilitadas do que outras, a possibilidade da repetição desse caminho é mais provável do que se todas as barreiras de contato tivessem facilitações iguais, pois não ocorreria preferência por nenhum caminho e conseqüentemente não haveria possibilidade para a memória. Um curso excitativo que encontra facilitação em determinado caminho tenderá a repetir esse caminho uma vez que encontra resistências menores a sua passagem.

A divisão dos neurônios em sistema Φ e sistema Ψ é relevante para distinguir as características de cada sistema, a diferença entre eles permite que cada um assumam uma função. Se levarmos em conta o que vimos até agora, podemos dizer que o sistema de neurônios Φ , que funciona a partir do princípio da inércia recebe quantidades exógenas, exerce a função primária de eliminação e é responsável pelas percepções, portanto está mais próximo do mundo externo. O sistema de neurônios Ψ funciona segundo a constância, recebe quantidade endógena diretamente do interior do corpo e exógena através dos neurônios Φ , exerce a função secundária e é responsável pela memória.

⁶ Freud (1950/2003) refere que a facilitação depende de duas coisas, que chama de: a grandeza da impressão e da frequência dessa impressão. A grandeza da impressão a que Freud se refere é o montante de quantidade, e a frequência é a repetição do processo. A facilitação depende do montante de quantidade que passa pelas barreiras de contato, se o montante for muito alto, a facilitação será maior, permitindo que a quantidade passe sem muitas resistências, se o montante for menor, a facilitação será proporcional a quantidade.

Além desses dois sistemas, Freud pensa a existência de outro sistema – o sistema ω (letra grega ômega) – e inclui, não sem dificuldades teóricas, a consciência em seus escritos do *Projeto...*

A consciência não se enquadra na abordagem naturalista e quantitativa pela qual vem sendo explicados os processos até esse ponto, mas Freud não se contenta em considerá-la fora dos processos quantitativos e tenta incluir a consciência nestes processos. Nas palavras de Freud

... a consciência não proporciona nem conhecimento completo, nem seguro, dos processos neurônicos; cabe considerá-los em primeiro lugar e em toda extensão como inconscientes e cabe inferi-los do mesmo modo que as outras coisas naturais. Mas, então, tem-se de incorporar o conteúdo da consciência em nossos processos Ψ quantitativos. (Freud, 1950/2003, p. 187)

Os processos quantitativos, naturais, e o conhecimento sobre os neurônios seriam inconscientes; os processos explicados até então ocorrem sem a influência da consciência e caberia considerar a consciência fora dos processos naturais, quantitativos. Mas Freud (1950/2003) considera que uma psicologia que se preze não pode deixar de lado os processos conscientes e tenta aproximá-los dos processos inconscientes. Enquanto os processos inconscientes são caracterizados pelas quantidades, a consciência segundo Freud produz qualidades. Freud tenta então incluir a qualidade nos processos quantitativos para aproximá-los, afinal sua proposta inicial era conceber os processos psíquicos segundo os moldes da ciência natural.

A consciência dá-nos o que se chama de *qualidades*, sensações que numa grande variedade são algo *diverso* e cuja *diversidade* diferencia-se de acordo com relações com o mundo externo. Nesta diversidade há séries, similaridades, etc., não há propriamente quantidades (Freud, 1950/2003, p. 187, grifo no original).

Com a necessidade de incluir a consciência em sua teoria psicológica, Freud pergunta “Onde se originam as qualidades?” (1950/2003, p. 187). Com essa pergunta surgem algumas considerações. As qualidades não poderiam originar dos sistemas Φ e Ψ ; esses sistemas não podem ser fontes de qualidades já que são operados pela passagem de quantidades. E nem tampouco no mundo externo, pois ele por si só não é capaz de gerar

mudanças; elas ocorreriam pelo efeito do mundo externo na relação com o organismo. Então Freud supõe a existência de um terceiro sistema de neurônios, o sistema ω .

Então é preciso ter coragem de supor que haveria um terceiro sistema neurônico, poderíamos chamar de ω , estimulado junto com a percepção e não com a reprodução, e cujos estados de excitação dariam como resultado as diferentes qualidades, ou seja, seriam as sensações conscientes (Freud, 1950/2003, p. 188).

O sistema ω é um sistema de neurônios, por isso precisamos pensar que, apesar de ser responsável pelas qualidades, ele recebe quantidades e tende à eliminação como os outros dois sistemas. Podemos dizer que o sistema de neurônios ω é um sistema que deve receber quantidade, portanto tende à eliminação como os outros dois, mas que também é diferente, pois além da quantidade existe a qualidade. Freud (1950/2003) diz que, além da quantidade, existe algo que acompanha uma percepção, e também é transmitido pelos neurônios, o que ele chama de período. Freud diz nestes termos: “Até agora, só considerei o curso como transferência de Q_n ’ de um neurônio para o outro. Mas o curso tem de ter ainda uma característica de natureza temporal ... eu o chamo resumidamente de *o período*” (Freud 1950/2003, p. 188, grifo no original).

De uma percepção resultaria, portanto, um elemento quantitativo, a Q , e um elemento temporal, o período. A quantidade, ao percorrer o sistema Φ , não encontrando barreiras, propaga-se ou para a eliminação ou para o sistema Ψ . O período, não sendo suscetível de retenção pelas barreiras de contato de Ψ , segue direto para o sistema ω , que, segundo as suposições de Freud sobre as características deste sistema – lugar das séries qualitativas, apresentaria uma preferência em receber o período. Embora o sistema ω tenha sido concebido para dar conta da origem das qualidades, ou seja, da consciência, esse sistema também trabalha com quantidades, mas com um nível bastante baixo de Q . Assim, é por trabalhar em níveis quantitativos bastante baixos, se comparados ao sistema Ψ , é que Freud diz que os processos conscientes requerem um estado quantitativamente ótimo do sistema ω para a recepção do período, abaixo ou acima do qual a consciência pode ser perturbada.

Além das qualidades sensoriais, o sistema ω é responsável pelas sensações conscientes de prazer e desprazer. O lugar de onde devem surgir as sensações de prazer e desprazer não parece apresentar dúvida, pois a consciência e a qualidade são próprias do sistema ω , e seriam sentidas neste sistema. As sensações de prazer e desprazer são percebidas

a partir do nível de quantidade, ou seja, um aumento corresponderia ao desprazer e a diminuição ao prazer. Mas onde o aumento ou a diminuição do nível dessas quantidades seria sentido e como se daria isso? Sabemos que o sistema ω recebe quantidade apenas do sistema Ψ , já que são contíguos e ligados como vasos comunicantes, de acordo com Simanke (2002), e sabemos também que o período é responsável pelas qualidades sensoriais. Ao fazer essa aproximação, Freud diz que o aumento de quantidade em Ψ leva à conseqüente elevação de Q em ω , o que produziria uma modificação qualitativa em ω , experimentada como sensação consciente de desprazer. E a diminuição do nível de quantidade em Ψ com a conseqüente diminuição de Q em ω também produz modificação qualitativa em ω , que seria experimentada como sensação consciente de prazer. Isso significa que um aumento de quantidade em Ψ , aumentaria a ocupação em ω . Esse aumento é sentido como qualidade, como sensação de desprazer, enquanto que a diminuição teria a ver com a sensação consciente de prazer. Simanke (2002) adverte que as sensações conscientes de prazer ou desprazer, sentidos em ω , não são variações de quantidades, mas sim de qualidades. Nas palavras de Freud “Assim, os processos quantitativos em Ψ também viriam à consciência, de novo, como qualidades” (Freud, 1950/2003, p. 191).

O funcionamento do aparelho neurônico a partir dos três sistemas Φ , Ψ e ω se daria da seguinte forma: os estímulos que chegam ao sistema Φ são os estímulos externos, eles têm uma característica quantitativa e outra qualitativa. As quantidades tendem à eliminação e parte delas segue para o caminho motor. Os neurônios Φ terminam nos neurônios Ψ e por isso uma parcela de Q é transferida para Ψ , essa parcela é bem menor, visto que as Q s externas que chegam ao sistema Φ já são um pouco reduzidas por passar pelas proteções do aparelho de terminações nervosas⁷ e ainda menores em virtude da sua distribuição pelas cadeias de neurônios Φ até a transferência para Ψ . Os neurônios Ψ são ocupados também por Q provenientes do interior do corpo e por isso Freud decompõe o sistema Ψ em duas subclasses: Ψ do manto, que receberia as Q s que vêm de Φ , e Ψ do núcleo, voltado para as ocupações endógenas. Sabemos que o terceiro sistema é ω e que este recebe pequenas Q de Ψ , apenas para ter uma boa recepção do período. O período foi estimulado junto com a Q em Φ e passa direto, sem barreiras até ω , e de acordo com as variações qualitativas decorrentes de um aumento ou uma diminuição de Q , podem gerar as sensações de prazer e desprazer.

⁷ Os aparelhos de terminações nervosas, segundo Gabbi Jr. (2003), são órgãos dos sentidos que agem como proteções contra Q , reduzindo-a ao chegar ao sistema nervoso.

Prazer e desprazer são experimentados como sensações, ou seja como qualidades resultantes da ativação dos processos ω a partir de um aumento ou diminuição do nível de Q em Ψ . Esse nível, sem elevações ou diminuições de Q, em estado ótimo, produziria qualidades sensoriais. O que seria esse estado ótimo? Segundo as considerações de Freud (1950/2003), seria o sistema ω com um mínimo de Q apenas necessário à recepção do período.

Com uma exposição geral do que Freud pretende mostrar com o *Projeto...* observamos que os princípios da inércia e a noção de constância estão na base de todos os movimentos do aparelho. Nos tópicos seguintes apresentamos de forma mais detalhada o princípio da inércia e a noção de constância e exploramos suas características mais de perto; mas antes disso, se faz necessário tratar dos dois postulados principais – a quantidade e o neurônio – que são as ideias iniciais as quais Freud utilizou para derivar o princípio da inércia e a noção de constância.

1.2 As duas noções iniciais do *Projeto...*: a quantidade e o neurônio.

O aparelho neuropsíquico exposto por Freud no *Projeto...* resulta de uma montagem feita lentamente, desde os parágrafos iniciais do texto. O ponto de partida dessa montagem consiste em dois elementos, quantidade e neurônio, a partir das quais Freud deriva consequências na forma de novas idéias e hipóteses. Essas derivações são, na medida do possível, sempre avaliadas e correlacionadas com dados empíricos conhecidos, e serviriam para o autor estabelecer novos conceitos e princípios de funcionamento para o aparelho. Para esclarecermos as considerações de Freud sobre os princípios que regem o funcionamento mental no *Projeto...* de 1895, é necessário entendermos como ele procedeu, a partir dessas duas noções iniciais – Quantidade e Neurônio –, para derivar o princípio da inércia e a noção de constância.

Desde a apresentação dos objetivos do *Projeto...*, a saber, “... fornecer uma psicologia científica e naturalista, ou seja, apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determináveis de partes materiais capazes de serem especificáveis e, com isso, torná-los intuitivos e livres de contradição” (Freud, 1950/2003, p. 176), Freud refere-se à noção de quantidade ao falar de estados quantitativamente determinados e a de neurônio ao falar de partes materiais capazes de serem especificadas. Portanto, logo na abertura de seu

trabalho, ele deixa claro que pretendia extrair toda uma psicologia a partir desses dois termos, e os define: “Concebe o que diferencia atividade de repouso como Q, submetida à lei geral do movimento [e] toma os neurônios como partículas materiais” (Freud, 1950/2003, p. 175).

A noção de quantidade está presente nos escritos de Freud anteriores ao *Projeto*, como vemos na referência a ela em *Neuropsicoses de defesa* (1894) ao mostrar três métodos de defesa. Dada a importância da suposição sobre a quantidade, apresentada nesse texto, ao invés de introduzir rapidamente a citação, julgamos importante uma breve consideração sobre a forma como Freud expõe esses tipos de defesa, pois a noção de quantidade aparece em suas explicações.

Freud, no texto *Neuropsicoses de defesa* (1894), diz que as pessoas quando se defrontam com algo aflitivo, tenderiam a esquecer e deixar de lado o episódio ruim que causou o desconforto. Quando o esquecimento não funciona como uma forma de defesa, poderiam ocorrer reações patológicas que, segundo Freud, provoca a histeria, a obsessão ou uma psicose alucinatória. Freud diz que há um caminho entre o esforço em esquecer o que é desagradável e o surgimento do sintoma neurótico: o eu não consegue de uma forma defensiva, fazer com que a representação inconciliável seja “apagada”, como se a experiência correspondente não tivesse sido vivenciada, pois o afeto (soma de excitação) já estaria ligado a ela. Isso significa que o eu não pode simplesmente esquecer porque o afeto e a representação já estariam vinculados. O trabalho do eu vai em direção a tornar essa representação que é intensa em uma representação fraca, retirando dela o afeto. A representação fraca nessa situação não teria mais nenhuma exigência a fazer à associação, mas a soma de excitação que ficou desvinculada da representação deve ser utilizada de outra forma. Até aqui Freud diz que esse processo de defesa é o mesmo na histeria, na obsessão e na psicose alucinatória, mas que à frente eles divergiriam.

Na histeria a soma de excitação (ou o afeto) se transforma em algo somático e por isso a representação que era ligada a ela fica inofensiva. A esse mecanismo, Freud dá o nome de conversão. Na obsessão o afeto tornado livre se liga a representações que são incompatíveis entre si fazendo falsas ligações, essas representações se tornam representações obsessivas. Nesses dois casos a representação original que esteve vinculada ao afeto aflitivo permanece na consciência de forma enfraquecida; na psicose alucinatória o eu rejeita a representação juntamente com o afeto, como se esta jamais lhe tivesse ocorrido.

Na consideração desses três casos Freud utilizou uma hipótese para tentar dar conta das neuroses de defesa, a hipótese da quantidade. O termo quantidade aqui parece estar bem próximo dos termos afeto e soma de excitação. Ele define a hipótese da quantidade, como visto anteriormente, nos seguintes termos:

Por fim, colocarei em poucas palavras sobre a representação auxiliar que me tem servido para essa exposição das neuroses de defesa. É esta: nas funções psíquicas cabe distinguir algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – ainda que não possuísse meio de medi-la -; algo que é suscetível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e se propaga pelos traços mnêmicos das representações como faria uma carga elétrica pela superfície dos corpos (Freud, 1894/2005, p. 61).

Freud usa os termos montante de afeto e soma de excitação para designar algo que tem as propriedades da quantidade. Com essa definição podemos perceber que a hipótese está relacionada a algo que se desvincula da representação e toma um destino específico conforme a patologia lhe proporciona. Os termos soma de excitação e *quantum* de afeto parecem ser considerados como sinônimos por Freud, mas apesar de manter relação com a questão quantitativa, o termo soma de excitação se aproxima mais da origem de quantidade e o termo montante de afeto à questão de se desvincular da representação conforme expõe Garcia-Rosa (2004). Apesar de parecer que Freud utiliza os termos como sinônimos no texto, segundo o autor supracitado, os termos não são sinônimos, mas dizem respeito à questão econômica postulada por Freud. Podemos, então, dizer que quantidade, quantum de afeto e soma de excitação têm uma relação próxima para Freud neste texto, assim a noção de quantidade parece ficar mais clara. No texto *Neuropsicoses de defesa* (1894), um ano antes de escrever o *Projeto...* Freud diz que o afeto – ou soma de excitação – é o que se separa da representação e toma um caminho diferente em situações nas quais a representação intolerável precisaria de uma saída, que não podia ser pelo esquecimento. Então o afeto é algo que se desloca, que procura caminhos para se vincular após ter se separado da representação original que causava desconforto ao indivíduo. Se a quantidade está relacionada com o que Freud diz sobre o afeto, podemos afirmar que é uma quantidade deslocável identificada nas ocorrências patogênicas. Simanke diz que “a quantidade ... é a expressão na teoria de base que se pretende desenvolver no *Projeto...* daquilo que é designado como afeto na teoria e na clínica das neuroses, ou seja, o fator quantitativo relacionado à representação” (Simanke, 2002, p. 9).

A definição de quantidade no início do texto do *Projeto...* faz referência ao que diferencia atividade de repouso. A consideração sobre a quantidade no texto *Neuropsicoses de defesa (1894)* mostra que a hipótese que Freud apresenta sobre os processos que ocorrem nas neuroses de defesa é de uma quantidade em movimento. Os processos de defesa em cada uma das patologias, a conversão na histeria, a substituição de ideias na obsessão e a rejeição na confusão alucinatoria, são processos em que a quantidade está em fluxo. Freud diz isso no *Projeto...* “Processos como substituição, conversão ... sugeriram diretamente a concepção da excitação nervosa como quantidade em fluxo” (Freud, 1950/2003, p. 176). Isso nos leva a uma das características da quantidade, que ela está em movimento. Essa concepção de quantidade em fluxo, em movimento, permite a Freud derivar algumas idéias, mas antes de esclarecermos as hipóteses que Freud derivou da noção de quantidade em fluxo analisaremos outro conceito, o de neurônio.

Freud diz no início do *Projeto...* que as duas ideias iniciais para expor sua psicologia é a de quantidade e neurônio, até aqui possuímos conhecimento sobre a quantidade em estado de movimento, essa quantidade terá que fluir ou se movimentar, e será por meio do neurônio que essa quantidade fluirá. Para o neurônio permitir que uma quantidade flua nele, sua estrutura tem de receber quantidade de um lado e entregá-la a outro lado, caso contrário a quantidade não fluirá e sim ficará parada. Para que se confirme a noção da quantidade em fluxo, o neurônio tem que de alguma forma funcionar para essa quantidade passar e não ficar parada. O movimento reflexo pode ajudar a entender como a quantidade permanece sempre em movimento, pois segundo as características do movimento reflexo, se determinada quantidade chega por um lado do neurônio, ela logo é liberada pelo outro lado, confirmando as considerações feitas até aqui.

Freud inicia a segunda seção da primeira parte do *Projeto...*, o segundo postulado principal – o neurônio –, com a exposição das características do neurônio. Essas características contribuem para a compreensão das considerações feitas até esse ponto, também sobre a quantidade em estado de fluxo e ajudará nas discussões sobre a quantidade em repouso que discutiremos a seguir, são elas: 1- o sistema nervoso consiste em neurônios distintos, ou seja, não são contínuos; 2- os neurônios são estruturalmente idênticos, são construídos da mesma forma; 3- os neurônios estão em contato por meio de uma massa alheia; 4- nos neurônios estão prefiguradas certas direções de condução, como vimos acima, pois para que seja compreendida a noção de quantidade em fluxo os neurônios necessitariam de

uma direção; 5- existe uma numerosa ramificação de neurônios; e, por fim, 6- essas ramificações possuem diferenças de calibre. Uma dessas características do neurônio ajuda a esclarecer um pouco mais esse movimento reflexo e a estrutura do neurônio. Freud diz que no neurônio “... estão prefiguradas certas direções de condução, na medida em que recebem pelos prolongamentos celulares e entregam por meio dos cilindros do eixo” (1950/2003, p. 177). Aqui Freud confirma que os neurônios têm uma direção na condução de quantidade e designa as partes do neurônio como prolongamentos celulares para a parte que recebe quantidade e cilindros do eixo para a parte que entrega quantidade. Por meio dessa característica, podemos entender que a quantidade seria eliminada pelos cilindros do eixo assim que ela ocupasse os prolongamentos celulares.

No entanto, Freud considera que há outra característica da quantidade, que é o repouso. Para entendermos esse estado da quantidade é necessário conhecermos um pouco mais da noção de neurônio, e nos valermos também de outro conceito forjado por Freud, a noção de Barreira de contato.

No segundo postulado principal de seu *Projeto...* Freud fala sobre a teoria neurônica e considera que, se combinar a teoria da quantidade com a teoria do neurônio, obtém-se a concepção de um neurônio ocupado⁸ por quantidade e que por vezes pode estar vazio. Até agora vimos que a noção de quantidade em fluxo esclarece o fato de o neurônio estar vazio, pois a quantidade passaria por ele sem deixar nada para trás. A possibilidade de o neurônio estar ocupado ou investido por quantidade esclarece o estado da quantidade em repouso, em oposição à quantidade em fluxo. Antes de expormos as considerações de Freud sobre a explicação da quantidade em estado de repouso, é necessário abrirmos um parêntese para esclarecer a noção de ocupação que Freud emprega neste ponto do texto.

No *Projeto...* Freud deriva a noção de ocupação de suas duas ideias iniciais e diz que se o neurônio for considerado uma partícula material e a quantidade algo que apresenta variações (atividade ou repouso) então, juntando essas duas noções é possível chegar à concepção de que o neurônio pode estar ocupado ou não ocupado por quantidade. De acordo com o que diz Simanke “... uma *Besetzung* é, portanto, o estado da quantidade quando ela é

⁸ A nota inserida na introdução tenta esclarecer um pouco mais sobre a palavra em Alemão *besetzung*, e como foi dito a tradução do texto que estamos usando utiliza o termo ocupação, por isso aqui um neurônio ocupado pode também ser traduzido por neurônio investido ou catexizado, de acordo com as diferentes opções de tradução.

empregada na realização de um processo neuronal, cuja forma mínima é o preenchimento de um neurônio e/ou a passagem da quantidade para o neurônio seguinte” (Simanke, 2002, p. 34). Logo, ocupação quer dizer que o neurônio está preenchido por quantidade.

No texto *As neuropsicoses de defesa (1894)*, Freud utiliza a hipótese da quantidade para esclarecer o processo defensivo. Ele a define como uma carga de afeto ou soma de excitação passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga. Assim, a tarefa da defesa seria a retirada do afeto, ou seja, tornar fraca a representação pela retirada do afeto. O processo de defesa que Freud enuncia no texto de 1894 propõe a retirada do afeto ou soma de excitação que ocuparia uma representação. A soma de excitação desvinculada da representação poderia, então, ou ser convertida para o somático, ao deslocar-se para alguma inervação corporal, intensificando-a, ou permanecer no plano mental e ocupar outra representação. Assim, o destino tomado pela excitação caracterizaria o processo de defesa nas histerias, nas fobias e nas obsessões. As considerações de Freud sobre a quantidade e sua capacidade de deslocar-se mediante um processo de defesa permite compreendermos um pouco mais o termo ocupação. Freud considera que a representação estaria ocupada, preenchida ou carregada de afeto, mas que este pode se desvincular, seguir para outra representação ou dirigir-se para o corpo. Em outras palavras, a soma de excitação se desloca e ocupa outras representações de acordo com a dinâmica do processo defensivo, assim, podemos dizer que observando o processo de defesa que ocorre nas fobias, nas histerias e nas obsessões Freud demonstra suas hipóteses sobre a quantidade e com isso permite uma melhor apreensão do termo ocupação.

Voltando agora à quantidade em estado de repouso, podemos perceber que com a noção de ocupação, fica mais clara a ideia de uma quantidade que não só passa, como também preenche um neurônio. Mas como Freud chega a essas considerações se a estrutura do neurônio é propícia apenas para a passagem de quantidade? Como vimos, uma das características dos neurônios sustenta que eles estejam em contato por meio de uma massa alheia. Isso possibilitou a Freud supor a existência de barreiras de contato existente entre os neurônios Ψ . E diz que essa suposição é frutífera em muitas direções. Vejamos por enquanto uma dessas direções que é a questão da quantidade em estado de repouso.

Segundo as considerações de Simanke (2002), a barreira de contato é uma suposição mecânica que torna possível a diferenciação dos dois estados de quantidade – atividade e repouso. Como vimos, os neurônios têm a estrutura para receber e liberar quantidade, então

Freud supõe que existam resistências a essa liberação quanto for necessário que a quantidade esteja em estado de repouso. Essas resistências devem ocorrer no contato entre os neurônios, algo que impeça a quantidade de seguir o fluxo que seria a descarga, mas que não faça parte da estrutura dos neurônios. Para sustentar essas suposições Freud se apóia nas características dos neurônios. Já vimos que uma dessas características postula que os neurônios têm a mesma estrutura, são idênticos. Assim, as diferenças apresentadas no comportamento da quantidade nos neurônios – se em atividade (fluxo) ou em repouso - não se devem à sua estrutura. Freud refere também que os neurônios não seriam contínuos, por isso a resistência à passagem de quantidade deveria estar no contato entre eles e não na sua própria estrutura. Por fim, resta ainda uma característica que complementa essa última: as terminações dos neurônios entram em contato por uma massa alheia. Essa massa alheia dá base para o que Freud chama de barreira de contato, algo que não pertence estruturalmente aos neurônios, mas que está localizado entre eles, possibilitando uma resistência à passagem de quantidade.

A noção de quantidade em repouso parece derivar dessas considerações sobre o neurônio, porque ao seguir a condução reflexa própria da estrutura do neurônio, em certas ocasiões a quantidade pode esbarrar nestas barreiras de contato entre os neurônios e ficar impedida de eliminação. Ao ficar impedida de eliminação, a quantidade não está mais em fluxo, mas parada, ou seja, em repouso. Essas características são fundamentais para o entendimento das suposições que Freud faz a partir das duas ideias principais – quantidade e neurônio. A noção de quantidade permite ser esclarecida com as considerações sobre os neurônios e vice-versa, por isso Freud partiu dessas duas ideias iniciais, elas se complementam e permitem por meio de derivações e suposições (baseado também em suas descobertas clínicas, conforme pode-se ver em *as Neuropsicoses de defesa, 1894*) confirmar muitas hipóteses sobre os conceitos e princípios que Freud propõe no *Projeto...* .

Até agora tratamos o neurônio como singular, mas Freud diz que o neurônio singular representa a totalidade do sistema nervoso. Assim, as características estruturais, de desenvolvimento e desempenho do neurônio singular serviram para a organização do sistema nervoso como um todo. A estrutura bipartida dos neurônios passa a ser agora a estrutura do sistema nervoso, com sua repartição em neurônios sensoriais que são responsáveis por receber quantidades e neurônios motores responsáveis pela eliminação. Freud diz no *Projeto...* que “... o neurônio singular afigura, assim, a totalidade do sistema nervoso com sua arquitetura bipartida; o cilindro do eixo é o órgão de eliminação” (Freud, 1950/2003, p. 177). Até esse

ponto tratamos das características do neurônio e da quantidade, características mediante as quais Freud propõe a existência do sistema nervoso como um todo e essa apresentação contém a base de muitas hipóteses que Freud delineia para o funcionamento de um aparelho psíquico – sua proposta inicial.

Após esta exposição de algumas das idéias elementares apresentadas por Freud no Projeto..., esperamos estar em condições mínimas para prosseguirmos na discussão do tema central deste capítulo, o princípio da inércia e o modo como Freud o deriva daquelas idéias iniciais.

1.3. O princípio fundamental da atividade nervosa: o princípio da inércia.

A análise das duas ideias principais apresentadas na seção anterior e suas características permitiu a Freud derivar suposições ou hipóteses que serviram de base para ele estabelecer novos conceitos e princípios acerca do funcionamento mental. A concepção de quantidade em estado de movimento, em fluxo, levou Freud a derivar um primeiro princípio e estabelecê-lo como fundamento do funcionamento do sistema nervoso, de seu funcionamento como um todo. Freud diz: “Seguindo esta consideração (da quantidade em fluxo), pôde-se estabelecer um princípio fundamental da atividade nervosa, referente a Q ... é o princípio da inércia nervosa; dita que o neurônio aspira a libertar-se de Q” (1950/2003, p. 176).

Freud parte da noção da quantidade em fluxo que observou nos fenômenos patológicos, como a defesa explicitada anteriormente e transferiu essa característica para a relação entre a Q e o neurônio. Nos fenômenos patológicos, como já vimos, o componente afetivo (que tem a ver com a quantidade) se desloca das representações (que tem a ver com os neurônios) para se vincular a outras. Se considerarmos aqui a linguagem do *Projeto...*, teremos um neurônio pelo qual a quantidade passa, pois a tendência é o movimento e não a fixação. Então Freud forja o primeiro princípio fundamental – princípio da inércia – e diz que essa é a primeira tendência do sistema nervoso, libertar-se de Q – mas não a única. Adiante veremos que essa tendência será impedida por outra relação.

Já vimos que Freud se refere ao princípio da inércia em relação ao neurônio singular, dizendo que ele aspira libertar-se de Q; logo em seguida, refere-se ao funcionamento do

sistema nervoso como um todo, dizendo que o funcionamento do sistema nervoso segue o princípio da inércia. Com isso, Freud quer dizer que o sistema nervoso funciona segundo uma tendência a manter a quantidade igual a zero, assim como os neurônios tendem a se livrar de Q. Na seção anterior, observamos que as características do neurônio singular prefiguram as características do sistema nervoso. Assim, o princípio da inércia é pensado, inicialmente, a partir das características do neurônio singular, mas depois é generalizado para o funcionamento do sistema nervoso como um todo. Ainda de acordo com o que foi dito na seção anterior sobre as características da quantidade em fluxo e as características dos neurônios, Freud propõe o princípio da inércia como algo que abrange a função do sistema nervoso em sua totalidade, de modo que a primeira direção ou a primeira função que o sistema desempenha diz respeito à tendência em manter a quantidade ao nível zero, $Q=0$. Assim, ao adentrar nos sistemas de neurônios, a Q seria logo eliminada pelos neurônios motores.

Essas considerações sobre o princípio da inércia permitem compreender melhor a estrutura dos neurônios e a estrutura do sistema nervoso como um todo. Com a divisão dos neurônios em motores e sensoriais o princípio da inércia explica que, com a liberação de Q, a entrada de Q fica suspensa. Por isso, o movimento reflexo é o modelo da operação dos neurônios fazendo com que seja cancelada a entrada de Q pela saída da Q do sistema. De acordo com o princípio que regula a atividade dos neurônios, podemos afirmar que, assim que o sistema recebe quantidade pelo lado sensorial, logo descarrega no lado motor, para que o neurônio volte ao seu estado inicial de nível de quantidade igual a zero, ou seja, para conservar-se sem estímulo. Essa é a função primária do sistema nervoso, a eliminação de quantidade. Segundo Simanke (2002), a ideia de função primária se torna possível para Freud pela junção do movimento reflexo com o princípio da inércia, que possibilita a eliminação. Esse sistema, que funciona de acordo com o movimento reflexo, só pode funcionar com estímulos vindos do exterior, pois as quantidades exógenas são passíveis de eliminação (Gabbi Jr. 2003). O sistema neurônico se põe em movimento, segundo um estímulo externo que permite ser introduzido pelos neurônios sensoriais e liberado pela parte motora. Um exemplo de como pode funcionar esse movimento reflexo citamos: se uma luz intensa chegasse aos olhos, o movimento reflexo seria a contração das pupilas imediatamente fazendo interromper o estímulo nos olhos. Um movimento involuntário que supriria o estímulo.

Freud diz que pode ocorrer o desenvolvimento de uma função secundária, esta é

denominada de fuga do estímulo. Quando ele afirma que há lugar para o desenvolvimento de uma função secundária, quer dizer que dentre as ações reflexas que são destinadas à eliminação involuntária (funções primárias), existem algumas que são destinadas à fuga do estímulo. A fuga do estímulo significa que o estímulo é interrompido com determinada ação reflexa específica e não com qualquer ação reflexa. Nesse caso, não se refere apenas à junção do movimento reflexo com o princípio da inércia (próprio da função primária), pois são necessários outros elementos para a ocorrência da função secundária. A quantidade de excitação que entra no sistema deve ser igual à quantidade utilizada para a fuga do estímulo, pois se a quantidade para a fuga for menor que a quantidade que chegou ao sistema, restará algo dessa quantidade e isso vai contra o princípio da inércia que diz que toda a Q que entra no sistema deve ser eliminada. Outro elemento que distingue a função secundária é que para que esta se realize é necessário que certos caminhos de eliminação sejam privilegiados, caminhos que envolvam a interrupção do estímulo. Mas, como isso é possível, se o princípio da inércia diz que o sistema de neurônios ao eliminar quantidade, volta ao seu estado anterior, sendo a eliminação um ato reflexo, portanto involuntário? Como conceber um caminho privilegiado na direção da quantidade para a cessação do estímulo e ainda supor que o princípio da inércia não seja abalado? Freud apresentará no *Projeto...* a questão da memória para explicar que alguns caminhos de eliminação são privilegiados na passagem da quantidade. A explicação da memória envolve elementos ainda não tratados neste texto e que precisam ser esclarecidos para que a função secundária tenha sentido.

A memória, segundo Freud, pressupõe que alguns neurônios não retornem ao estado anterior após a passagem de quantidade, mas que ocorreria alguma modificação. Essa modificação permite que alguns caminhos sejam preservados, como no caso da fuga do estímulo. Sendo assim, o movimento reflexo permite a eliminação de quantidade e dentre essas quantidades que são destinadas à eliminação, algumas percorrem o caminho preservado pela cessação do estímulo. Essa breve consideração da memória já contraria o princípio da inércia que pressupõe um sistema que funcione sem memória, pois a Q que entra, logo é eliminada, ficando o sistema na mesma condição anterior. Para esclarecermos isso, recorreremos ao próprio Freud, que refere no *Projeto...* que a função secundária vai ser desenvolvida, portanto, ela não deve existir desde o início, pelo menos não de forma voluntária. Então, para se estabelecer caminhos privilegiados, dentre os múltiplos caminhos seguidos pela ação reflexa, podemos dizer que, a função primária serve de base para que esses caminhos privilegiados de eliminação sejam encontrados. Por meio da ação reflexa é possível

que alguns caminhos sejam mais eficazes para a fuga do estímulo, e com o desenvolvimento do sistema nervoso esses caminhos passam a ser fixados para exercer a função secundária - que é a interrupção do estímulo. Isso significa que a função secundária inicialmente ocorre de forma acidental por meio da ação reflexa, que é o caso da fuga em relação aos estímulos exógenos, e com isso os caminhos privilegiados vão se formando para que futuramente essa função tenha lugar de forma voluntária. A fuga do estímulo é uma função secundária, pois consegue suspender a recepção de mais estímulos pela ação reflexa, porém, no caso dos estímulos que vêm de fora e que se destinariam à eliminação (função primária) a ação é ainda de certa forma acidental e não voluntária, mas mesmo sendo acidental, consegue cumprir sua função que é fugir do estímulo. É chamada de função secundária, porque seus movimentos não são destinados apenas à eliminação apesar de serem movimentos reflexos, conseguindo assim manter o princípio da inércia inalterado.

Segundo Simanke (2002), o princípio da inércia é explicado por um princípio mecânico, o que faz com que Freud recorra a um princípio biológico mais propício a uma explicação à complexidade do organismo. Um princípio mecânico tem a ver com o maquinal, o automático, e nesse sentido a atividade reflexa pode ser um exemplo de um movimento mecânico. Esse movimento só pode atuar a partir de quantidades externas, atuam de tal forma que não podem comprometer nenhuma parte vital do organismo. Um princípio biológico, ao contrário, tem a ver com a vida, com um organismo que não funciona a partir apenas de quantidades externas. Um organismo necessita de outro tipo de funcionamento e é constituído de quantidades endógenas que impulsionam o desenvolvimento do aparelho. Recorrer ao biológico significa dizer que um sistema puramente mecânico não conseguiria suprir as necessidades da vida próprias do estímulo endógeno. Um organismo leva em consideração estímulos que provém do interior do organismo além dos estímulos externos.

Freud conclui que embora o princípio da inércia pudesse ser tomado como o princípio explicativo do funcionamento do sistema nervoso como um todo – o princípio fundamental da atividade nervosa – ele é violado desde o início. Se esse princípio é violado desde o início, então significa que ele parece apresentar o estatuto de uma hipótese teórica na qual procura seguir uma tendência (a eliminação), mas essa tendência não consegue se mostrar eficiente para a totalidade dos movimentos do organismo. A explicação mecânica se mostra limitada, pois a existência de organismos que funcionem apenas em relação a estímulos exógenos seria fictícia.

... se não existissem estímulos internos, o sistema nervoso simples (uma ficção teórica) funcionaria segundo o princípio da inércia; como existem estímulos internos, o sistema nervoso humano (o sistema nervoso real e complexo) obedece ao princípio da constância⁹, mas conserva a tendência imposta pelo princípio da inércia (Gabbi Jr, 2003, p. 30).

Freud utiliza-se da hipótese teórica da existência de organismos simples, funcionando apenas com estímulos exógenos, para caracterizar um movimento primitivo fundamental como tendência de funcionamento de todo o sistema. Ao admitir que esse movimento seria violado desde o início ele demonstra o caráter fictício do princípio da inércia.

Os organismos respondem também a estímulos endógenos além dos estímulos exógenos, e apenas a função primária de eliminação não consegue ser eficiente para fazer cessar os estímulos endógenos. Esses estímulos endógenos são estímulos provenientes do interior do próprio corpo e estão relacionados com as grandes carências como a fome, a respiração e a sexualidade. O movimento reflexo não consegue fazer cessar esses estímulos, eles precisam de algo que supra essa carência, ou seja, que satisfaça essas necessidades. O reflexo é um movimento automático, elimina o que entra no sistema nervoso sem procurar selecionar ou distinguir a que estímulo se refere; as carências internas não serão satisfeitas por essa forma de eliminação, elas necessitam de algo mais específico para supri-las. Os estímulos endógenos também precisam ser eliminados, porém a partir de determinadas condições que permitam às necessidades serem satisfeitas. O movimento do sistema neurônico será sempre regulado pela tendência originária (princípio da inércia), mas esta será modificada pela complexidade adquirida pelo sistema, de modo que a necessidade de suprir os estímulos endógenos levará ao estabelecimento de uma nova tendência, a tendência à constância.

1.4 A modificação do princípio da inércia: a noção de constância.

Até aqui Freud utilizou a noção de quantidade em fluxo para fundamentar o princípio da inércia e sua forma de atuação; mas, como vimos, esse princípio é insuficiente para

⁹ Apesar de Gabbi Jr. referir-se a constância como princípio, optamos por não segui-lo, continuaremos utilizando o termo noção para a menção à constância.

explicar todos os movimentos do sistema neurônico, principalmente os que se referem aos estímulos endógenos. Freud, então, baseia-se agora na noção de quantidade em repouso, juntamente às características dos neurônios para fundamentar essa outra tendência do sistema nervoso – a tendência à constância. Os estímulos endógenos são os estímulos relacionados à preservação da vida, suas carências fundamentais são a respiração, a fome e a sexualidade. Essas carências devem ser supridas de forma específica por imposição da vida. A eliminação desses estímulos deve obedecer a certos requisitos que se diferenciam da eliminação reflexa apresentada até agora. O organismo não pode utilizar apenas a quantidade que entra no sistema para eliminar os estímulos provenientes do corpo, da mesma forma que ocorre com os estímulos exógenos, pois uma eliminação reflexa como o grito ou o choro não supre a necessidade de alimento, por exemplo. Para que cesse a carência de alimento, durante a fome, determinadas ações do mundo externo precisam ser realizadas, essas ações são movimentos específicos que suprirão tal necessidade. Freud chama esse movimento de ação específica. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2008), a eliminação de forma específica, com a supressão da necessidade interna, é a única forma de interromper o estímulo interno por um determinado tempo. O mundo externo, representado inicialmente por um cuidador (se pensarmos que inicialmente o ser humano é incapaz do autocuidado), deve estar atento às necessidades do bebê para que a ação específica seja eficaz.

Para que essa ação específica se realize é necessário o cumprimento de algumas condições, além do desempenho do mundo externo. Uma dessas condições estabeleceria que o montante de quantidade que incide desde o interior do corpo deveria atingir certo nível para que seja possível a realização da ação específica. A quantidade interna que se apresenta é insuficiente para a realização da ação específica e Freud diz que "... é preciso um desempenho independente de Q_n' endógena; em geral é superior a ela, pois o indivíduo está colocado sob condições que podem ser designadas como *necessidades da vida*" (Freud, 1950/2003, p. 177, grifo no original). Na citação Freud conclui que, para a realização da ação específica, é preciso um montante superior à quantidade que provém do interior do corpo em virtude das necessidades da vida. Isso significa que o sistema terá de permitir o acúmulo de um montante de quantidade, pois somente dessa forma, o princípio da inércia realmente será modificado, já que a quantidade endógena que entra no sistema não é suficiente para fazer cessar o estímulo, é preciso que exista, então, uma reserva de quantidade para que as necessidades da vida sejam satisfeitas. A ação reflexa própria do princípio da inércia tende a eliminar a quantidade que entra no sistema de neurônios; no entanto, para que a ação específica se realize, esse tipo de

movimento não basta. De acordo com o que considera Simanke (2002), as necessidades da vida proporcionam um tipo de estímulo (endógeno) diferente dos estímulos exógenos o que faz com que eles ajam de forma contínua e progressiva, diferentemente dos estímulos exógenos que são descontínuos e mais intensos. Essa forma contínua e progressiva disponibiliza inicialmente quantidade para que o organismo perceba a carência interna, mas a partir daí essa carência aumenta e o estado do organismo fica em uma situação prejudicial. Para que essa situação regularize e o organismo obtenha a satisfação das necessidades da vida, a ação específica tem de se realizar. E, para a ação específica se realizar, é necessário dispor de certo nível de quantidade independente, como considerou Freud.

O desempenho independente a que se refere Freud tem a ver com um acúmulo de quantidade no interior do sistema neurônico, o que significa a violação do princípio da inércia e a introdução da noção de constância. A modificação do princípio da inércia é necessária na proporção em que exige a ação específica, já que a tendência à descarga no caso dos estímulos internos devem atender a novas exigências, ao nível de quantidade necessária para que ocorra a ação específica. Portanto, a tendência a manter $Q=0$ é modificada pela tendência a manter o nível de quantidade tão baixo quanto possível para atender às necessidades da ação específica, ou seja, a manter um nível constante. A noção de constância também pressupõe que o sistema neurônico trabalhe para não deixar o nível de quantidade elevar-se além do necessário à ação específica; e, caso isso ocorra, é necessária a manutenção dessa quantidade ao nível mais baixo possível. O sistema neurônico tenderá à eliminação, porém fará um esforço para trabalhar a partir dessa concepção de constância, de modo a possibilitar certo nível de ocupação por quantidade para que as necessidades da vida sejam satisfeitas.

Com essa modificação do princípio da inércia e a necessidade da ação específica para fazer cessar os estímulos endógenos, podemos dizer que a função secundária também está considerada aqui. O acúmulo de quantidade necessária à ação específica permite que esta se realize e que o estímulo cesse, portanto a função secundária de fazer cessar o estímulo atinge seu objetivo também em relação à ação específica.

Freud diz em seguida que os desempenhos do sistema nervoso atenderiam a função primária ou a função secundária. Isso significa que são realizados em relação aos estímulos exógenos e aos estímulos endógenos, e as funções primárias e secundárias se aplicam aos dois tipos de estímulos. A atuação da função primária é bastante semelhante em relação aos estímulos exógenos e endógenos, ambos tendem primariamente à eliminação de quantidade;

já, a atuação da função secundária se mostra diferente em relação aos dois tipos de estímulos. Em relação aos estímulos do exterior do corpo, a função secundária se faz por meio de uma ação reflexa, que promove a fuga do estímulo; mas, em relação aos estímulos provenientes do interior, a função secundária precisa de uma ação específica que produza alterações específicas no mundo exterior ou que tais modificações no mundo sejam realizadas por outrem, para que o estímulo das quantidades endógenas cesse por um tempo. A função secundária, nesse caso, proporciona uma alteração do princípio da inércia, que faz com que as necessidades da vida sejam satisfeitas, possibilitando a sobrevivência biológica do organismo.

Como vimos, o princípio da inércia está relacionado à noção de quantidade em fluxo, que pressupõe uma quantidade que passa pelo sistema sem deixar nada para trás; e a constância, à noção de quantidade em repouso, que permite o acúmulo do mínimo de quantidade no sistema neurônico para que sejam satisfeitas as necessidades da vida. No segundo postulado principal do *Projeto...*, que explana sobre o neurônio, Freud diz: "Caso se combine esta exposição dos neurônios com a concepção da teoria de Qn', obtém-se a noção de um neurônio ocupado, preenchido com certa Qn', que por vezes pode estar vazio" (1950/2003, p. 177). A noção de um neurônio ocupado que em outras vezes pode estar vazio, possibilitou a Freud fundamentar a suposição desses dois estados da quantidade (fluxo e repouso). E, a partir da suposição desses dois estados de quantidade, foi possível chegarmos ao princípio da inércia e à noção de constância, os quais foram discutidos nesta seção. Consideramos que até agora Freud conseguiu atingir os objetivos propostos no início do *Projeto...* – caracterizar os processos psíquicos em termos quantitativos e materiais; inferir das proposições iniciais – Quantidade e Neurônio – hipóteses para o funcionamento de um sistema de neurônios que pressupõe processos psíquicos.

1.5 Considerações finais.

Concluimos nesse capítulo que o princípio da inércia é o princípio regulador de todo o sistema de neurônios, segundo o qual este procura manter-se livre de todas as excitações recebe. Dessa forma, o movimento reflexo permite o livre escoamento para permanecer sem estímulos. Seu mecanismo exerce uma regulação primária que visa a fugir do desprazer causado pelo aumento de excitação e a seguir em busca do prazer relacionado à diminuição das excitações. Esse funcionamento de certa forma é executado mecanicamente. Convém

observar aqui o aspecto ficcional do princípio da inércia, como vimos, a tendência original não é suficiente para o funcionamento de um sistema nervoso. Por isso, Freud utiliza o estatuto de uma hipótese teórica para conseguir determinar uma tendência, que é original, mas que deve ser violada desde o início. Deve ser violada, pois o funcionamento exclusivo do princípio da inércia não seria adequado a organismos – como o dos seres humanos –, por isso o princípio da inércia é violado e entra em ação outra tendência que requer que certo montante de quantidade seja acumulado no sistema para uso posterior, quando exigido pela ação específica, tendência essa que Freud denomina constância. Nas considerações de Freud sobre o aparelho neurônico de 1895, percebemos que a noção de constância regula todo o funcionamento do aparelho, violando a tendência original à inércia e abrindo a possibilidade à vida. Essa regulação fundamenta todas as elaborações futuras que Freud faz desses conceitos.

É importante salientar que o exame do texto do *Projeto...* torna-se fundamental para este trabalho por ser um texto completo e um dos mais importantes em que Freud trabalha com a noção de aparelho e apresenta hipóteses sobre o funcionamento desse complexo instrumento que ele designará de aparelho psíquico posteriormente. É um texto em que Freud introduz inúmeros conceitos que serão elaborados em futuras obras, pois trazem o germe de seus pensamentos e isso é interessante para nós, principalmente porque contém os princípios que regem o funcionamento do aparelho.

No capítulo seguinte prosseguiremos na análise do princípio regulador do psiquismo, a partir da discussão de outra obra de fundamental importância nos escritos de Freud que abarca a complexa responsabilidade de ser considerada sua obra mestra – *A interpretação dos sonhos* (1900). Dentro dessa obra, Freud, entre outras coisas, fundamenta e apresenta seu estudo sobre a teoria do aparelho psíquico, o que podemos chamar de “a primeira tópica freudiana”. Assim como no capítulo que se encerra, o próximo contempla a tarefa de expor as elaborações de Freud para o que regula o aparelho psíquico propriamente dito em 1900.

Capítulo 2

O princípio do desprazer e o funcionamento do aparelho psíquico de 1900: uma reelaboração das hipóteses do *Projeto...* .

Como vimos no capítulo anterior, em 1895, no texto do *Projeto...*, Freud apresentou hipóteses de funcionamento de um aparelho neurônico e designou os princípios que regulavam esse aparelho de princípio da inércia e noção de constância; essa foi a primeira tentativa de Freud para expor uma teoria sobre o aparelho psíquico e seu modo de funcionamento. Neste capítulo estudaremos o que Freud apresenta em 1900 sobre a teoria do que vem a ser um aparelho psíquico propriamente dito e o seu modo de funcionamento. Para tanto, sempre que necessário, recorreremos aos esclarecimentos apresentados em 1895, uma vez que nos parece evidente que certos pressupostos estabelecidos no *Projeto...* são mantidos no capítulo VII do livro de 1900. Por exemplo, o princípio do desprazer é apresentado no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900/2004), como o princípio regulador desse aparelho psíquico, assim como a noção de constância foi designada como reguladora do aparelho de 1895. Para chegar a compreender melhor a regulação do princípio da inércia, a linguagem que Freud utilizou no texto do *Projeto...* nos impulsionou a esclarecer os elementos – quantidade e neurônio – nos quais ele se baseou para explicitar a estrutura e o modo de funcionamento do aparelho responsável pelas operações psíquicas.

Nessa parte do trabalho, Freud deixa de lado a linguagem neurológica e faz uso de uma analogia com aparelhos óticos para representar a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico, e dessa forma chegar à regulação do princípio do desprazer. Para tentar alcançar o objetivo deste capítulo – apresentação do funcionamento do aparelho psíquico de 1900 –, distribuiremos os tópicos conforme se segue: primeiramente faremos algumas considerações sobre o texto do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900/2004); esse texto é considerado um marco importante na obra de Freud, pois, além de apresentar a teoria do aparelho psíquico, ele o faz em referência aos seus estudos sobre os sonhos; assim, Freud não

muda só a linguagem como também a forma de considerar suas hipóteses em relação ao aparelho de 1895. Por essa razão, julgamos necessário explorar alguns apontamentos das diferenças sobre esse texto em relação ao que foi apresentado no capítulo anterior. No segundo tópico trataremos da estrutura do aparelho psíquico. Para a compreensão do funcionamento do aparelho e da regulação exercida pelo princípio do desprazer é necessário que entendamos o que Freud chama de aparelho psíquico e a disposição que ele atribui aos sistemas que compõem esse aparelho. No terceiro tópico, apresentaremos o aparelho funcionando segundo a vivência de satisfação, que vem a ser a base da regulação do princípio do desprazer. A compreensão dessa vivência e da função do desejo no funcionamento do aparelho permitirá que as considerações do quarto e último tópico se tornem mais claras. Assim, no quarto tópico, exploraremos a vivência de dor e a regulação do princípio do desprazer.

Durante a exposição dos assuntos indicados em cada tópico, encontraremos lugar para examinar a relação deste texto com o anteriormente estudado no capítulo 1, e com isso verificar a aproximação da regulação do aparelho neurônico de 1895 com a regulação deste aparelho psíquico de 1900. Teremos também a oportunidade de conferir se Freud realmente iniciou seus estudos sobre o aparelho psíquico em 1900 ou se deveremos considerar que em 1895 suas considerações sobre o aparelho neurônico já eram um protótipo daquilo que ele viria apresentar sobre as funções psíquicas.

2.1 Considerações gerais sobre o capítulo VII de *A interpretação dos sonhos (1900)*.

O texto de Freud sobre *A interpretação dos sonhos de 1900*, desde sua publicação foi considerado muito importante para os estudos científicos; segundo Monzani (1989) “É tida também como sua obra-mestra” (p. 57). Neste trabalho Freud enuncia conceitos importantes, como o que é conhecido como a primeira tópica freudiana – a teoria do aparelho psíquico – em que sustenta suas articulações e conceitos até 1923, quando estabelece a segunda tópica. A obra que contém sete capítulos não se tornou tão grandiosa por acaso, Freud desenvolve várias ideias sobre a arte da interpretação dos sonhos nos seis primeiros capítulos, começando por seu próprio sonho – o sonho de injeção de Irma. Entretanto, é no sétimo capítulo que ele indica que o caminho fácil ficou para trás. Ao se deparar com um sonho que não revelava

muita dificuldade na interpretação, pôde entender que o conteúdo do sonho era carente de explicação, que a interpretação apenas trazia à luz conteúdos que exigiam um aprofundamento. A psicologia dos sonhos não poderia ficar apenas com a interpretação, os conteúdos descobertos com a arte da interpretação necessitavam de uma explicação, por isso Freud precisaria entrar mais a fundo nos processos psíquicos do sonhar. Resolve, então, deixar de lado um pouco a interpretação e tentar explicar o processo psíquico que está na base dos fenômenos por ele analisados na interpretação dos sonhos. Ele precisa agora explicar o material resultante das análises empreendidas sobre os sonhos; assim, o capítulo VII é dedicado ao estudo dos processos psíquicos envolvidos nos sonhos.

Freud assume que explicar alguma coisa significa remeter um conteúdo desconhecido a algo já conhecido, mas ele não estava satisfeito com as teorias existentes na época e que pudessem servir de base para a explicação dos processos psíquicos envolvidos nos sonhos. Dessa forma, se vê obrigado a formular hipóteses novas que se aproximassem provisoriamente daquilo que seria a estrutura de um aparelho psíquico e das forças que nele atuam. Porém, ele tem o cuidado de advertir que não se devem levar as hipóteses formuladas muito além das primeiras articulações lógicas para não se perder no meio do caminho.

Freud trata de elaborar uma metapsicologia capaz de dar conta dos sonhos, e em seguida dos processos psíquicos em geral. A partir da análise dos sonhos, Freud vai produzindo inferências na forma de hipóteses teóricas que vão se entrelaçando uma a uma, formando uma rede de conceitos, que dará forma ao que ficará conhecido como aparelho psíquico. Ou seja, por meio do que ele constatou a partir dos fenômenos oníricos, vai retroceder teoricamente até chegar à concepção de um aparelho psíquico, que seria o aparelho produtor dos sonhos. Depois o mesmo aparelho será considerado o produtor dos chistes, dos atos falhos, das neuroses e etc. Para nosso trabalho o importante é que Freud generaliza o funcionamento desse aparelho para todos os processos psíquicos ao dizer que o sonho é um genuíno processo psíquico.

Assim ele inicia o capítulo VII, que tomaremos como referência para nossa discussão, com o objetivo de apresentar a estrutura e o funcionamento de um aparelho psíquico para a melhor compreensão dos processos psíquicos envolvidos nos sonhos. Para a formulação disso, são necessárias hipóteses novas com as quais Freud forja a teoria do aparelho psíquico e nos possibilita entender um pouco mais sobre o princípio que regula o funcionamento desse aparelho. Apesar de ser um texto sobre os sonhos, não faremos muita referência a seus processos, apenas se houver necessidade para que a apreensão do princípio

do desprazer seja esclarecida. Manteremos nossa atenção às considerações de Freud sobre o aparelho psíquico com o foco em sua regulação, o princípio do desprazer.

Não podemos deixar de salientar que cinco anos antes, em 1895, Freud desenvolveu também uma série de hipóteses que conduziram a uma extensa consideração sobre um aparelho neurônico e suas formas de funcionamento – tratamos sobre isso no capítulo 1. Em 1900, ele não faz referência direta ao texto do *Projeto...*, mas podemos ver claramente em suas considerações que muitas de suas ideias apresentadas correspondem às formulações de 1895. Vimos que no *Projeto...* Freud utiliza-se de uma linguagem que visa a abranger os processos neuronais como processos materiais, a perspectiva em que ele está inserido refere-se a processos naturais da mente. Ele tentava abarcar processos psíquicos, mas com base em pressupostos neurológicos. Em 1900, Freud muda de perspectiva; já no início de suas considerações sobre o aparelho psíquico ele se refere desta forma: “... manteremos-nos em terreno psicológico...” (Freud, 1900/2004, p. 527). Freud não se utiliza mais da linguagem neurológica e se aproxima da psicologia, utilizando-se formas de expressão divergentes das de 1895. Ainda em relação às modificações ocorridas entre os dois textos, resta-nos uma que devemos ressaltar: em 1900, as considerações e suposições sobre o aparelho psíquico aparecem de forma analógica; Freud propõe que o aparelho psíquico seja apresentado como uma analogia ao aparelho de fotografia ou a um telescópio no qual sua localização se daria por um ponto ideal. Essa forma de expor suas ideias sobre o aparelho psíquico se afasta da forma concreta de como as coisas são consideradas em 1895, quando o aparelho neurônico teria uma base anatômica e uma explicação real – não analógica – do funcionamento dos neurônios. Essas mudanças não implicam na modificação de suas considerações por completo; Freud muda a maneira como considera as suas hipóteses e podemos perceber aí certo afastamento dos pressupostos neurológicos. No entanto, o texto do *Projeto...* seria de grande ajuda para a compreensão do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*. Por essa razão, o princípio do desprazer será estudado neste capítulo de forma que possamos compreender se esse aparelho de 1900 e suas funções se assemelham às hipóteses do aparelho neurônico e os princípios que regem o aparelho de 1895. Para um melhor entendimento dessas questões, exploraremos o aparelho psíquico assim como fizemos no capítulo 1 com o aparelho neuronal.

2.2 A estrutura do aparelho psíquico de 1900.

Freud inicia seus estudos sobre o aparelho psíquico dizendo que permanecerá em terreno psicológico e preocupa-se com que não seja confundida a ideia de uma localização psíquica com uma localidade anatômica.

Queremos deixar por completo de lado que o aparato anímico de que aqui se trata seja conhecido também como preparado anatômico, e tomamos o cuidado em não cair em tentação de determinar essa localidade psíquica como se fosse anatômica (Freud, (1900/2004), p.529).

Freud trata de esclarecer essas questões sobre a localidade psíquica, de modo a não estabelecer relação com a localidade anatômica, muito provavelmente porque há aqui essa mudança mencionada no tópico anterior, uma mudança de foco, da forma como ele se considerará em relação às suas hipóteses de 1895. Ele procura deixar claras suas intenções em relação ao que está propondo para esse aparelho psíquico, e embora se afaste de seus pressupostos neurológicos, não abandona por completo suas hipóteses.

Usando uma linguagem mais distante da anatomia e mais próxima da psicologia, Freud propõe uma analogia: imaginar que o instrumento de que se vale as operações psíquicas seja comparado a um microscópio composto, a uma máquina fotográfica. A localidade psíquica corresponderia a um lugar no interior desse aparelho em que se produziria um dos estágios prévios da imagem. No microscópio, o lugar onde se produz um dos estágios prévios da imagem são localizações ideais, zonas em que não há nenhum componente palpável do aparelho. A comparação serve de apoio na intenção de esclarecer a complexidade da operação psíquica, decompondo-a e atribuindo aos elementos singulares do aparelho cada operação singular. Segundo Freud (1900/2004), até que se empreendesse nessa tarefa, ninguém teria ousado explicar a composição do aparelho anímico por via de decomposição. Por isso, considera-se no direito de dar livre curso às suas conjecturas contanto que ele mantivesse o juízo frio e não confundisse os andaimes com o edifício. Dada a novidade do empreendimento, ele quer dizer que se aproximará de algo que não conhece, e para isso se valerá de algo conhecido que lhe sirva de apoio em suas descobertas. “Já que para uma

primeira aproximação a algo desconhecido não necessitamos de outra coisa que umas representações auxiliares ...” (Freud, 1900/2004, p. 530).

Freud, então, considerará o aparelho psíquico análogo a um instrumento composto de instâncias, assim como o microscópio possui lentes situadas sequencialmente umas das outras, no caso do aparelho psíquico Freud chamá-las-á de instâncias ou sistemas. Para continuar com a analogia, essas instâncias do aparelho psíquico também situar-se-iam umas atrás das outras com a expectativa de que esses sistemas tenham uma orientação espacial constante, da mesma forma que as lentes do telescópio seguem umas as outras. Não seria um ordenamento espacial rigoroso, mas sim uma sequência fixa entre elas, para que a raiz de certos processos psíquicos nas instâncias seja percorrida pela excitação dentro de uma determinada série temporal. Freud refere-se aos componentes do aparelho psíquico de ‘sistemas ψ ’¹⁰.

2.2.1 A primeira conclusão sobre o aparelho – a direção dos processos psíquicos.

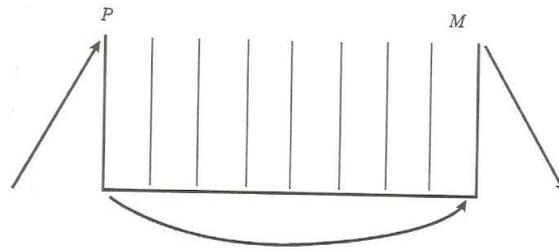
Após situar os sistemas ψ no aparelho psíquico, a primeira coisa que Freud consegue supor é que os processos que ocorrem nesse aparato tem uma direção. “Toda nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos e externos) e termina em inervações” (Freud, 1900/2004, p. 530). Assim como o modelo reflexo do aparelho neurônico do *Projeto...*, Freud atribui ao aparelho de 1900 uma extremidade sensorial que recebe as percepções e uma extremidade motora que abre as portas da motilidade. O processo psíquico transcorre em geral desde o extremo da percepção até o extremo da motilidade. Com isso, Freud nos diz que, assim como no *Projeto...*, o aparelho de 1900 está construído como um aparelho de reflexo e, por isso, também aqui, o processo do reflexo segue sendo o modelo de toda operação psíquica. Neste ponto do texto, Freud relata que essas considerações confirmam aquilo a que estavam há muito tempo familiarizados. De acordo com suas palavras: “Pois bem, isto só faz cumprir um requisito com que estamos há muito familiarizados, a saber, que o aparelho psíquico é

¹⁰ Veremos que o aparelho psíquico de 1900 será concebido como composto por instâncias, e Freud as designa por sistemas ψ , como se todo o aparelho fosse composto de sistemas ψ em diferentes níveis. Recordemos que no *Projeto...* de 1895 o sistema ψ era um dos sistemas do aparelho, aquele situado entre os sistemas Φ e ω , e aberto à recepção das excitações que se originavam do interior do corpo, bem como àquelas provenientes do mundo externo, através do sistema Φ . Mas, a função que merece ser posta em relevo é a da memória, desempenhada no aparelho do *Projeto...* pelo sistema Ψ . Assim, vale adiantar, a concepção do aparelho psíquico de 1900 diz respeito, sobretudo, ao desenvolvimento e decomposição do sistema Ψ do aparelho do *Projeto...* e os processos mnêmicos que nele ocorrem.

construído como um aparelho de reflexos. O processo do reflexo segue sendo o modelo de toda operação psíquica” (Freud, 1900/2004, p. 531).

Com esse comentário de Freud podemos supor que ele se referia ao conhecimento sobre o movimento reflexo e que utilizou esse conhecimento em 1895 para fundamentar suas hipóteses em relação à estrutura do aparelho neurônico. Para Freud, o aparelho neurônico era composto de três sistemas e sua estrutura apresentava uma extremidade sensorial e uma extremidade motora. A direção das excitações que Freud assume em 1900 tinham a mesma direção no aparelho de 1895. O movimento reflexo era algo já há muito conhecido e de domínio público, sobretudo, no meio científico da medicina (Gabbi Jr, 2003). Então, em 1895, Freud, a partir da observação e da análise do neurônio, concluiu que o movimento neuronal consistia em receber estímulo por uma extremidade e eliminar pela outra (conhecimento este também já aceito naquela época). A esse conhecimento Freud associou ou juntou outro conhecimento já melhor estabelecido, o do movimento reflexo. Ou seja, juntando as hipóteses sobre a realidade neuronal aos conhecimentos já estabelecidos pela comunidade científica, ele vai reforçando e dando consistência às suas próprias inferências. Assim, as inferências que Freud extrai das observações que ele fez a respeito dos sonhos em 1900, ao serem associadas aos conhecimentos já estabelecidos, são alimentadas e reforçadas pela força que esses conhecimentos já possuem em termos de credibilidade ou confirmação empírica. Ao postular que o aparelho de 1900 possui uma direção e que suas excitações partem da extremidade sensorial e seguem à extremidade motora, Freud demonstra que utiliza neste texto de 1900 o conhecimento sobre o reflexo para fundamentar também suas afirmações aqui.

Até agora Freud apresentou o esboço de um aparelho que possui sistemas em que os processos que neles ocorrem apresentam uma direção. A direção pressupõe duas extremidades, uma que Freud chamou de sensorial, que recebe as percepções, e outra, que se desfaz dos estímulos, a extremidade motora. “Por isso atribuímos ao aparelho um extremo sensorial e um extremo motor; no extremo sensorial encontra-se um sistema que recebe as percepções; e, no extremo motor, outro, que abre as comportas da motilidade” (Freud 1900/2004, p. 530). Essa direção faz com que entendamos o movimento reflexo que segundo Freud é a base de toda operação psíquica, ele a demonstrou assim:



(Freud, 1900/2004, p. 531)

2.2.2 A primeira diferenciação no aparelho psíquico – os traços de memória.

Ao dizer que o aparelho possui uma direção e que essa direção pressupõe um movimento reflexo, poderíamos entender que as excitações que incidem sobre o extremo sensorial e transcorrem até o extremo motor não sofreriam nenhuma alteração. Mas Freud teria que se contentar com um modelo de aparelho que careceria de memória, pois o sistema perceptivo¹¹ que fica na extremidade sensorial não se modifica com a passagem de excitações que chegam a ele, portanto não possui memória.

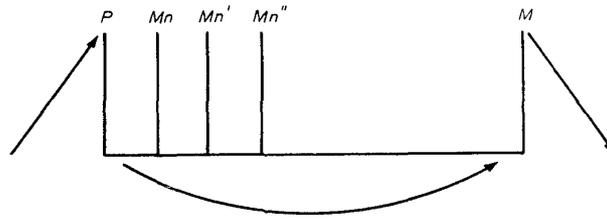
Mas Freud não se contentaria com um aparelho sem memória e segue em suas considerações para dizer que de todas as percepções que incidem sobre o aparelho psíquico, resta um traço que ele chama de traço mnêmico. Com isso introduz uma primeira diferenciação na extremidade sensorial, pois a função desses traços mnêmicos seria a memória. Com a introdução da função da memória percebemos que ocorre uma dificuldade em conciliá-la com as funções do sistema (P) que não retém nenhum traço das excitações que passam por ele.

Freud já se defrontara em 1895, com a tarefa de pensar como um mesmo aparelho pode exercer as funções de perceber (receber estímulos externos) e memorizar. Freud (1950/2003) se deparou com a dificuldade de supor que os neurônios deveriam permanecer inalterados com a passagem de Q e ainda ter a capacidade de ser modificados a cada passagem de Q. Com a impossibilidade de imaginar um aparelho que atue de tal forma, Freud refere que a solução seria atribuir a inalterabilidade das barreiras de contato em uma classe de neurônios e a capacidade das barreiras de contato sofrerem influência em outra classe de neurônios. Assim, Freud vê a necessidade de postular uma separação entre células perceptivas e células recordativas. De acordo com Gabbi Jr.(2003), a tendência original de atuação

¹¹ Daqui em diante: sistema (P).

(inércia) do sistema nervoso visava o escoamento total da Q, sendo assim não precisaria de memória, atuando com estímulos exógenos; mas a necessidade da vida admite que se conserve um registro dos caminhos de eliminação da Q interna, ou seja, há a necessidade de memória e ainda refere que não é possível que um mesmo sistema consiga agir de forma a perceber e memorizar ao mesmo tempo. Dessa forma, Freud designa os neurônios como permeáveis, que não retém nada e impermeáveis que possuem a capacidade de reter Q e ser portador da memória. Com essa distinção, Freud os designa de sistema de neurônios Φ para os neurônios perceptivos, permeáveis, que nada retém; e neurônios Ψ para os neurônios recordativos, impermeáveis, portadores da memória.

Assim como em 1895, Freud se depara em 1900 com a tarefa de diferenciar os sistemas constituintes do aparelho psíquico em função da introdução da memória em suas teses. A diferenciação a que ele se refere diz respeito aos traços mnêmicos que têm a função de reter algo, que é próprio da memória. Como existe a dificuldade de supor que um mesmo sistema consiga exercer funções antagônicas, do mesmo modo como concebeu no aparelho do *Projeto...* de 1895, atribui a essas duas funções – reter traços de memória e permanecer inalterado para a passagem de novas excitações – dois sistemas diferentes. Em outras palavras, o modelo de toda operação psíquica segue o modelo reflexo, o qual revela que a tendência é que a excitação que chega ao extremo perceptual do aparelho siga em direção ao extremo motor e seja eliminada. Com a introdução dos traços de memória, que consistem em alterações permanentes, fica difícil supor que um mesmo sistema consiga conservar sem ser permanentemente alterado e, ao mesmo tempo, seja receptivo a novas possibilidades de alterações. Com essas novas considerações, um mesmo sistema perceptivo fica impossibilitado de agir de duas formas diferentes. De acordo com o que Freud vem apresentando até agora seria necessário então supor outro sistema responsável pelos traços permanentes, já que o sistema perceptivo não retém nada. Freud associa cada função a sistemas diferentes. Sendo assim, Freud revela que o primeiro sistema, o dianteiro, recebe estímulos perceptivos, que nada conservam e carecem de memória; depois desse haveria um segundo sistema que transpõe a excitação momentânea do primeiro sistema em traços mnêmicos permanentes, ou seja, enquanto o sistema anterior tem como função perceber, a função deste é memorizar. Assim, em 1900 a disposição dos sistemas se daria do seguinte modo: o primeiro sistema que é o sistema (P) é responsável pelos estímulos perceptivos e nada retém, e o segundo sistema seria o sistema de memória, responsável pelos traços permanentes. O esquema do aparelho psíquico com esses sistemas seria assim:



(Freud, 1900/2004, p. 532)

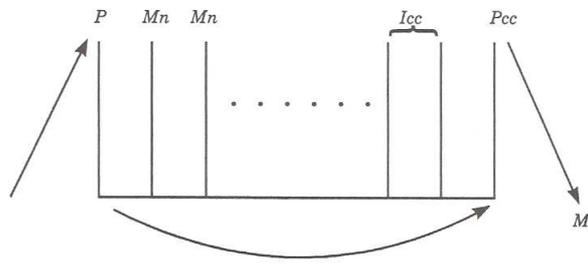
2.2.3 O inconsciente, o pré-consciente e o consciente.

Freud introduz os conceitos de inconsciente, pré-consciente e consciente na teoria do aparelho psíquico por meio de dois sistemas – sistema (P) e sistemas de memória – implicando uma relação. O sistema (P) com sua característica de permanecer inalterado após as excitações e sem memória é responsável pelas qualidades sensoriais que chegam à consciência. Já vimos que as qualidades sensoriais são toda espécie de sensações advindas do mundo exterior e que são próprias da percepção, por isso carentes de memória. A consciência, portanto, relaciona-se com o sistema (P) que é responsável pelas excitações que chegam ao aparelho e nada retém. Ao contrário da consciência, as recordações e os traços que permanecem das percepções nos sistemas mnêmicos são em si inconscientes.

O sistema *P*, que não tem capacidade nenhuma de conservar alterações e, portanto memória nenhuma, brinda a nossa consciência toda a diversidade de qualidades sensoriais. Ao inverso disso, nossas recordações, sem excluir as que estão impressas no mais fundo de nós, são em si inconscientes (Freud, 1900/2004, p. 533).

Os conteúdos inconscientes consistem em recordações deixadas pelos traços mnêmicos e sem qualidade para a consciência, logo, podemos dizer que se incorporarmos o inconsciente como um sistema no aparelho psíquico de Freud ele se situará próximo aos sistemas mnêmicos e mais distante do sistema (P). Freud afirma que esses conteúdos inconscientes podem ter acesso à consciência, mas que seus efeitos mais puros se dariam mesmo em estado inconsciente. Então significa que para os conteúdos tornarem-se conscientes eles precisam passar por modificações, pelo crivo de uma instância crítica que atuaria em favor da consciência. Essa instância crítica estaria localizada mais próxima da

consciência e poderia atuar como uma tela protetora entre o inconsciente e o consciente. Se pensarmos em incorporar essa instância como um sistema do aparelho psíquico, ela estaria na extremidade motora do aparelho, mais próxima da vida de vigília e da consciência do que o inconsciente. Freud designa este sistema de pré-consciente por sua proximidade com a consciência e porque seus conteúdos podem penetrar na consciência mais facilmente do que os conteúdos inconscientes. Dessa forma, o esquema do aparelho psíquico com todos os sistemas apresentados por Freud seria assim:



(Freud, 1900/2004, p. 534)

A estrutura completa do aparelho psíquico para Freud tem então esta forma: possui o sistema (P) na extremidade sensorial, que recebe estímulos externos e internos e nada retém. A função de memória fica sob a responsabilidade do sistema posterior a este, o sistema Inconsciente (Inc), que guarda todas as recordações, os traços das impressões deixadas pelas percepções. No extremo motor, responsável pelo controle das ações voluntárias e pela vida de vigília estaria o sistema pré-consciente (Prc), que zela pela consciência (Cc) impedindo que conteúdos impróprios do inconsciente atinjam a consciência. Freud chama esse impedimento de censura, localizado entre o inconsciente e a consciência. Nas palavras de Freud:

O último dos sistemas situado no extremo motor chamamos de *pré-consciente*, para indicar que os processos de excitação ocorridos nele podem alcançar com menos demora a consciência, sempre que se satisfizerem certas condições; por exemplo, que se alcance certa intensidade ... e é ao mesmo tempo o sistema que possui as chaves da motilidade voluntária. O sistema que está por trás deste chamamos de *inconsciente*, porque não tem acesso a consciência, e se tiver seria por via do *pré-consciente* e ao passar por ele seu processo de excitação

tem que sofrer modificações (Freud, 1900/2004, p. 534, grifos no original).

De acordo com a primeira suposição sobre o aparelho psíquico, este teria uma direção que se daria desde o extremo sensorial até o extremo motor. A excitação passaria então por todos os sistemas que estariam entre estes dois extremos, incluindo o inconsciente. Portanto, os conteúdos inconscientes procuram a todo o custo e por todo o tempo expressar-se via motilidade verbal ou comportamental, mas antes disso esbarrariam no pré-consciente que atua como uma censura para os conteúdos que vêm do inconsciente e buscam atingir a consciência. Dessa forma, podemos entender que essa direção progressiva auxilia para que seja feita a eliminação no mundo externo das excitações que adentraram o aparelho. Sabemos que nem sempre isso será possível, mas a estrutura do aparelho demonstrou que contribui para isso.

Com a estrutura do aparelho montada, continuaremos com nossos estudos e, mais à frente nos confrontaremos com o que Freud propõe sobre o funcionamento desse aparelho, a partir desse funcionamento será possível compreender melhor como age então o princípio do desprazer como regulador desse funcionamento.

2.3 O funcionamento do aparelho psíquico de 1900 e a vivência de satisfação.

Para examinar o funcionamento do aparelho psíquico Freud considera necessário retroceder a uma etapa anterior à sua capacidade mais madura de funcionamento, a uma etapa em que o aparelho ainda não teria atingido sua capacidade máxima de atuação¹². Com isso Freud quer dizer que o aparelho necessita passar por um desenvolvimento para poder trabalhar de acordo com sua forma final, para chegar a um funcionamento mais aperfeiçoado. Freud relata: “Não temos nenhuma dúvida de que o aparelho alcançou sua perfeição atual pelo caminho de um longo desenvolvimento. Tentemos voltar retrospectivamente a uma etapa mais primitiva de sua capacidade de operação” (Freud, 1900/2004, p. 557).

¹² Essa questão do funcionamento mais primitivo tem mais a ver com o tema desse trabalho e por isso enfatizaremos essas questões relacionadas ao funcionamento primitivo mais do que o desenvolvimento completo do aparelho, em que atinge um funcionamento mais completo e adequado.

Para conceber um funcionamento mais arcaico, Freud considera que no princípio o aparelho buscaria manter-se tão livre de estímulos quanto possível¹³. E como já vimos, sua estrutura permitiria que uma excitação que incidisse sobre a extremidade sensorial do aparelho fosse prontamente descarregada pela extremidade motora. A estrutura do aparelho contribui para esse movimento reflexo uma vez que possui uma direção e que essa direção faz com que as excitações que chegam ao sistema (P) sigam até a motilidade ininterruptamente. Freud faz referência a um modo de funcionamento que ainda não atingiu seu desenvolvimento completo provavelmente porque esse modo de funcionamento reflexo possui suas dificuldades de atuação. Vimos no capítulo anterior que um funcionamento dessa forma necessita atuar com a recepção apenas de estímulos externos, que a capacidade para o livre escoamento não se enquadra aos estímulos internos. E que essa tendência original atua para servir de base aos movimentos do aparelho, pois as modificações necessárias a um movimento mais adequado partiriam desse movimento original. Freud não faz referência às dificuldades de atuação de um movimento reflexo no texto de 1900, não de forma tão sistemática como o fez em 1895, mas suas suposições sobre esse modo de funcionamento nos forçam a pensar que as dificuldades em relação ao movimento reflexo se dariam da mesma forma. Ele diz que é uma forma primitiva de funcionamento e que essa forma não está relacionada com o funcionamento em si, com o aparelho plenamente desenvolvido, portanto esse movimento reflexo realmente se assemelha ao que diz em 1895, que a tendência seria essa, mas para que o aparelho se desenvolva seriam necessárias algumas mudanças, porém sempre com base nesse primeiro movimento.

Com a necessidade de o aparelho funcionar segundo um movimento mais adequado, Freud segue em suas hipóteses postas no *Projeto...* e logo em seguida a suas considerações sobre o movimento reflexo ele diz: “Mas as exigências da vida interferem nessa função simples, e é também a elas que o aparelho deve o ímpeto para seu desenvolvimento posterior” (Freud, 1900/2004, p. 557). A função simples a que ele se refere seria o movimento das excitações sem nenhuma alteração, como acabamos de ver, o movimento reflexo. No entanto ele inclui uma informação importante a estas palavras acima citadas; ele introduz algo que impede o reflexo de atuar de forma satisfatória em favor do aparelho, que são as exigências da

¹³ A semelhança com o princípio da inércia é inegável, enquanto que em 1895 Freud atribuiu a esse princípio toda a tendência do aparelho neurônico, em 1900 ele também reconhece que o modo primitivo de funcionamento do aparelho psíquico segue sendo do movimento reflexo.

vida. Essas exigências vitais aparecem primeiramente como necessidades corporais¹⁴, e elas não podem ser relacionadas ao exterior. São necessidades internas que geram excitações no aparelho e que também seguiriam a tendência em direção ao extremo motor. Mas, como vimos, as excitações internas não seguem o mesmo padrão das excitações externas e necessitam de algo mais que um movimento reflexo para serem interrompidas.

De acordo com Freud, a excitação correspondente a uma necessidade interna não pode ser desfeita com uma eliminação momentânea, como é o caso do movimento reflexo; ela precisa de uma ação duradoura que dê fim à necessidade interna. Freud dá o exemplo de um bebê no caso da fome¹⁵: as excitações que seguem para o caminho motor exercem na vida de vigília o que ele chama de uma expressão emocional, ele pode gritar ou espernear, mas isso não saciará sua fome. Pode-se considerar que a reação inicial do bebê ao buscar livrar-se do excesso de tensão originada pela fome foi baseada no movimento reflexo, mas essas excitações internas necessitam de algo duradouro e eficaz para saciá-las, porque correspondem a necessidades corporais específicas. Voltando um pouco, Freud dizia que as exigências da vida é que possibilitarão que o aparelho se desenvolva de forma adequada. Segundo o que estamos aqui constatando, as exigências da vida requerem uma satisfação mais duradoura e, no caso do exemplo da fome, vimos que é necessária uma provisão de alimento para que o estímulo interno cesse. Freud denomina esse tipo de vivência de vivência de satisfação e só ela colocaria fim ao estímulo interno. Essa vivência poderia ser descrita da seguinte forma: a primeira vez que o bebê teria sentido que as excitações advindas da necessidade interna chegaram ao sistema mnêmico, prontamente teria sido iniciado o caminho para a motilidade na busca do escoamento da excitação. Como dissemos o simples escoamento da excitação por via reflexa não é capaz de trazer satisfação da necessidade interna – não sacia a fome –, serviu apenas de sinal para que a modificação do mundo externo ocorresse. Quando foi possível, por meio de uma ação externa, que o alimento fosse ingerido pelo bebê e a necessidade interna satisfeita, deu-se uma correlação entre a percepção específica do alimento com a excitação produzida pela necessidade interna que se encontra nos sistemas mnêmicos. Então podemos dizer que no caso do bebê inerte foi necessário que

¹⁴ No *Projeto...*, como já vimos, Freud se referia as necessidades da vida como sendo inicialmente a fome, a respiração e a sexualidade.

¹⁵ Esclarecemos aqui que a vivência de satisfação, assim como a vivência de dor, são descritas por Freud de maneira muito mais detalhada e clara no *Projeto...*, do que no capítulo 7 de *A Interpretação dos sonhos*, mas não foram abordadas no capítulo 1 de forma mais aprofundada para evitar repetições. Esclarecemos ainda que, sempre que necessário, reportaremos ao *Projeto...* para tornar mais clara a discussão dessas questões.

ocorresse uma ação proveniente do mundo externo – a provisão de alimento – para que a necessidade interna fosse satisfeita. A vivência de satisfação possibilita, portanto, uma modificação interna a partir do momento que a percepção do alimento pode se relacionar com a imagem mnêmica da satisfação ocorrida. Para compreendermos melhor o que resta dessa modificação interna, recorreremos ao *Projeto...* que esclarece com mais detalhes o vínculo entre as representações correspondentes aos objetos envolvidos na vivência de satisfação.

Em 1895 Freud considera que devido a vivência de satisfação três coisas são possíveis no sistema Ψ : 1- realizou-se uma eliminação duradoura, 2- origina-se em Ψ do manto a ocupação de neurônios que correspondem a percepção de um objeto e 3- chegam em outros lugares de Ψ do manto mensagens de eliminação devida ao movimento reflexo que segue à ação específica. Entre essas ocupações em Ψ do manto e os neurônios de Ψ do núcleo ocorrem o que Freud chama de facilitação. Ocorre facilitação entre os neurônios de Ψ do manto e os neurônios de Ψ do núcleo devido a uma eliminação duradoura em virtude da vivência de satisfação, sendo assim, podemos entender que devido a vivência de satisfação ocorre uma facilitação entre a imagem recordativa do objeto (situada em Ψ do manto) e os neurônios de Ψ do núcleo que são ocupados pelas incitações das necessidades corporais. Ou seja, ao ocorrer a eliminação própria da satisfação, fica facilitado um caminho que passa pela percepção do objeto e também pelos neurônios de Ψ do núcleo ocupados devido às incitações do interior do corpo. Nas palavras de Freud, “Assim, origina-se, por intermédio da vivência de satisfação, uma facilitação entre duas imagens recordativas e os neurônios nucleares que, no estado de incitação, são ocupados” (Freud, 1950/2003, p. 197).

Voltando ao que Freud expõe em 1900, podemos reconhecer que, com o vínculo estabelecido entre o traço mnêmico e a satisfação ocorrida, a próxima vez que surgir uma necessidade interna, automaticamente a excitação procurará o caminho percorrido pela imagem mnêmica da percepção do objeto para restabelecer a satisfação original.

A essa busca pela percepção que possibilitou a ocorrência da satisfação Freud dá o nome de desejo e o reaparecimento da percepção é a realização do desejo. Nas palavras de Freud

A próxima vez que esta [a necessidade] sobrevenha, em virtude do enlace estabelecido, suscitará uma moção psíquica que quererá investir de novo a imagem mnêmica daquela percepção e produzir outra vez a mesma percepção, vale dizer, na verdade, restabelecer a situação da primeira satisfação. Uma moção dessa índole é o que

chamamos de desejo; e a reparição da percepção é o cumprimento do desejo... (Freud, 1900/2004, p. 557).

Em relação à vivência de satisfação Freud relata que nem sempre essa busca pela percepção do que trouxe a satisfação é exercida no mundo externo em uma imagem real; em virtude da associação entre a excitação com base nas necessidades internas e a percepção que trouxe a satisfação, o aparelho trabalha na direção de buscar novamente essa percepção internamente e de forma rápida.

Em 1895, Freud também se refere a esse respeito e completando as considerações acima sobre o *Projeto...* podemos dizer que após a vivência de satisfação, ocorre a interrupção do estímulo por um tempo, mas logo a necessidade interna sobrevém novamente; por isso Freud prossegue dizendo que da próxima vez que ocorrer a incitação proveniente do interior do corpo e os neurônios de Ψ do núcleo forem ocupados, devido a facilitação estabelecida entre eles, a ocupação prosseguiria para as imagens recordativas do objeto em Ψ do manto. Assim, pode ocorrer uma animação de desejo, ou seja, a ocupação dos neurônios de Ψ do manto deu-se em virtude da facilitação entre Ψ do núcleo e Ψ do manto e não por uma ocorrência da ação específica com o objeto real. Portanto, o ímpeto da incitação do interior do corpo seria procurar uma satisfação mais rápida, mesmo que não correspondesse com uma satisfação com o objeto real. Freud refere dessa forma:

Com o reaparecimento do estado *incitante* ou *desiderativo*, a ocupação prossegue agora também para ambas as re[cordações] e as anima. A imagem recordativa do objeto é certamente a primeira a ser afetada pela *animação desiderativa* (Freud, 1950/2003, p. 197 grifo no original).

A animação desiderativa consistiria no despertar da imagem do objeto pela força presente no estado de desejo. Seria uma satisfação obtida mediante a ocupação instantânea e automática do neurônio correspondente àquela primeira percepção, o objeto do desejo em Ψ do manto que teria proporcionado a primeira satisfação na vivência originária, e tornou-se facilitado mediante sua correspondência com os neurônios em Ψ do núcleo.

Essa forma automática de atuação do aparelho é primitiva e danosa ao organismo, como dissemos anteriormente, e caso persista poderá levá-lo à morte, já que esse tipo de funcionamento não proporcionaria satisfação senão alucinatória. Para que ocorra a satisfação

efetiva e o cancelamento temporário das necessidades internas vimos que seria necessária uma provisão de alimento, no caso da fome, ou seja, uma ação no mundo externo. Somente a animação pelo desejo de uma provisão de alimento não é suficiente, a percepção do alimento tem de ser real, por isso não é suficiente buscar essa percepção internamente, pois esse processo interno consiste na ocupação da imagem ou representação do objeto de desejo e não na consideração do objeto real. Seria uma busca mais rápida e momentânea, a satisfação seria aparentemente realizada, mas, como já vimos, não cumpre os requisitos necessários de uma excitação interna.

Podemos dizer que, ao se referir a uma atuação primitiva do aparelho psíquico, Freud fez menção a esse funcionamento primário, que juntamente com o movimento reflexo, não abarca toda a complexidade de um funcionamento adequado para organismos que recebem estímulos do interior do próprio corpo. Na linguagem do *Projeto...*, trata-se dos processos que ocorrem sem a inibição do eu, os processos primários. É importante salientarmos que Freud não descarta a ideia de que esse funcionamento teria ocorrido um dia, em um estágio primitivo de funcionamento; e o que ele chamou de desejo necessariamente denominou-se alucinação¹⁶, Freud diz que o objetivo dessa atividade psíquica inicial seria proporcionar o que ele chama de identidade perceptiva – uma reprodução da percepção associada à satisfação primitivamente obtida da necessidade interna¹⁷. Nas palavras de Freud:

Nada nos impede supor um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho se transitava realmente dessa maneira, e, portanto o desejar terminava em um alucinar. Esta primeira atividade psíquica apontava então a uma identidade perceptiva, ou seja, a repetir aquela percepção que está relacionada com a satisfação da necessidade (Freud, 1900/2004, p. 558).

O desejo para Freud é a união da excitação com a percepção do que proporciona a satisfação às necessidades internas; a realização de um desejo está relacionada à busca da percepção do objeto que traz a satisfação. Recorreremos novamente ao *Projeto...* para compreender melhor o que Freud considera sobre essas questões. Em 1895 Freud designa a

¹⁶ Segundo Freud (1950/2003), a alucinação seria a ausência de uma percepção real do objeto de satisfação.

¹⁷ Laplanche e Pontalis (1982/2008), consideram que Freud utilizou o termo identidade de percepção para designar o processo primário que “... visa reencontrar uma percepção idêntica à imagem do objeto resultante da vivência de satisfação” (p. 225).

tendência de funcionamento que resta da vivência de satisfação de estados desiderativos. Ele considera que do estado de desejo sempre parte uma atração pelo objeto que trouxe satisfação. “Do estado desiderativo, segue-se diretamente uma atração pelo objeto desiderativo, ou melhor, por sua imagem recordativa ...” (Freud, 1950/2003, p. 199). Freud quer dizer que assim que a excitação proveniente do interior do corpo ocupa os neurônios nucleares de Ψ , ocorre também uma ocupação em Ψ do manto da imagem recordativa do objeto que proporcionou satisfação originalmente. Assim,

Pode-se explicar facilmente a atração desiderativa mediante a suposição de que a ocupação da [imagem] re[cordativa] amigável, no estado apetitivo, excede em muito a Qn' efetuada desde uma simples percepção, de modo que uma facilitação especialmente boa vai do núcleo de Ψ para o neurônio correspondente do manto (Freud, 1950/2003, p. 199).

Mas já vimos que essa busca pelo objeto de desejo sem levar em conta o objeto externo real, é uma atuação primitiva e se levada a cabo termina em alucinação. Freud considera que somente o desejo impulsiona o aparelho psíquico a funcionar; por isso essa busca necessita iniciar-se para que, por meio dela, um caminho mais adequado se refere à disposição de uma atuação mais satisfatória. É importante salientar que essa é uma atividade primitiva que desde o *Projeto...* de 1895 Freud denominou processo primário, e que, por meio dela, o aparelho necessita encontrar mecanismos para seguir em seu desenvolvimento de forma mais adequada.

Para que o aparelho propicie um funcionamento ideal às exigências da vida, Freud diz que uma amarga experiência de vida deve transformar essa atividade primária em secundária, que seja útil ao indivíduo e suas necessidades. Sabemos que o estabelecimento de uma identidade perceptiva pela via da regressão¹⁸, no interior do aparelho não seria o mesmo que a busca dessa percepção no mundo externo; pois, com uma busca interna, a satisfação não

¹⁸ Segundo Laplanche e Pontalis “Num processo psíquico que contenha um sentido de percurso ou de desenvolvimento, designa-se por regressão um retorno em sentido inverso desde um ponto já atingido até um ponto situado antes desse. Considerada em sentido tópico, a regressão se dá, de acordo com Freud, ao longo de uma susseção de sistemas psíquicos que a excitação percorre normalmente segundo determinada direção” (Laplanche e Pontalis, 1982/2008, p. 440). Assim, podemos dizer que na regressão a excitação percorre um caminho para o interior do corpo, inverso ao caminho em direção ao exterior do organismo mais propício para a satisfação das necessidades com o objeto real.

acontece e a necessidade continua. Seria preciso que ocorresse um impedimento da regressão no interior do aparelho, um desvio desse movimento interno, para que dessa forma o aparelho encontre um caminho em direção ao exterior¹⁹. Devemos ressaltar que, sem o impedimento de uma função secundária, o movimento inicia um caminho regressivo, mais fácil e enganosamente mais prazeroso por ser mais rápido, porém não resultando na verdadeira satisfação. Em 1895, Freud se refere a alucinação e mais do que não resultar em uma verdadeira satisfação, e considera que o resultado de uma ação reflexa baseada em uma falsa satisfação resultaria em desilusão.

Como relatamos anteriormente, a vivência de satisfação seria a primeira experiência vivida pelo suposto aparelho psíquico primitivo do bebê após ser invadido pela excitação interna e tentar dar curso a essa excitação de forma reflexa. Assim, na linguagem de Freud, a vivência de satisfação designa uma situação da qual restaria um circuito facilitado para futuras fugas de estímulo, o circuito do desejo. O desejar consistiria em percorrer de novo esse circuito estabelecido nos primórdios do aparelho psíquico. Mas para que o indivíduo não percorra sempre esse caminho e chegue à desilusão é necessária a inibição ou interrupção do livre curso excitatório pelo caminho do desejo, configurado pela vivência de satisfação, e dar lugar a uma busca pela realização do desejo na realidade.

Para que a regressão e a busca da satisfação internamente seja inibida, entra em ação o sistema responsável pelo movimento voluntário, como nos relata Freud: “A inibição da regressão, assim como o desvio da excitação, que é a sua consequência, passam a ser função de um segundo sistema que governa a motilidade voluntária ...” (Freud, 1900/2004, p.558). Assim como no *Projeto...* a passagem dos processos primários para os processos secundários depende da inibição dos processos primários promovida pelo eu, também em 1900 é com o advento do sistema pré-consciente que se torna possível conceber uma censura que impediria que certos conteúdos proibidos alcancem a motilidade verbal ou comportamental. Logo, assim como no *Projeto...* é o eu que leva em conta a realidade e posterga a realização do desejo, em 1900 é o pré-consciente o sistema mais voltado para a realidade. Na seção anterior vimos que o sistema que controla os movimentos voluntários é o pré-consciente, por conseguinte cabe a esse sistema proporcionar ao aparelho que se desenvolva para a adequada satisfação, a qual sustenta e preenche as necessidades internas durante o tempo necessário.

¹⁹ Esse desvio da satisfação interna para uma busca ao objeto real no mundo externo Freud (1900) designa de identidade de pensamento, sendo uma atividade secundária mais propícia ao desenvolvimento do indivíduo.

O caminho da excitação para o mundo externo, em busca da percepção adequada, possibilitada pela inibição da regressão exercida pelo pré-consciente, Freud a chama de atividade de pensamento²⁰. Essa atividade secundária – própria da regulação do segundo sistema –, considera Freud, é apenas um ensaio para a realização do desejo, um rodeio que se tornou necessário para que a satisfação seja plenamente alcançada. A atividade de pensamento está relacionada a uma função menos primitiva, melhor elaborada e apta a obter a satisfação, enquanto que a atividade perceptiva relaciona-se com uma função primária e inadequada por não dar conta de cancelar a necessidade interna.

Em relação ao funcionamento do aparelho, podemos dizer que o inconsciente está diretamente relacionado a uma época em que suas funções se restringiam a atuações primárias, a buscas imediatas de satisfação de necessidades internas, sem consideração pelas consequências; mas, que a sua atuação pura, acarretaria algumas consequências ao indivíduo, sendo a alucinação do objeto de satisfação uma delas. Em 1900 Freud afirma que o germe dos processos primários seria inconsciente, ou seja, “... o núcleo do nosso ser consiste em moções inconscientes” (Freud, 1900/2004, p.593). Já, o pré-consciente apresenta processos secundários que procuram inibir processos primários para evitar a ocorrência de situações como a alucinação, que mencionamos antes.

Convém observar que a vivência de satisfação não é a única forma de uma atuação primitiva – em que o aparelho ainda não atingiu seu total desenvolvimento. Freud nos apresenta outra vivência, a de dor, porém tão importante quanto esta para apreendermos de forma efetiva o funcionamento arcaico do aparelho psíquico. Juntamente com a vivência de dor trataremos, no próximo tópico, da relação das sensações de prazer e desprazer com a regulação do princípio do desprazer.

2.4 A vivência de dor e a regulação pelo princípio do desprazer.

Para que fosse possível chegarmos a esse ponto – à regulação do princípio do desprazer – foi necessário que apresentássemos a estrutura do aparelho tal como Freud a forjou em analogia a um aparelho ótico e seus elementos, constituindo um complexo

²⁰ “O pensar como um todo não é mais que um rodeio desde a recordação da satisfação, que se toma como representação-meta, até o investimento idêntico dessa mesma recordação, que deve ser alcançada de novo pelas vias motoras” (Freud, 1900/2004, p. 591).

instrumento por ele designado de aparelho psíquico. A composição de suas instâncias, ou melhor, de seus sistemas foi o que propiciou a Freud explicar ou supor vários processos da mente que, por vezes, exercia funções primárias ou secundárias. Para o aparelho funcionar, o desejo foi incluído em suas teses como aquilo que impulsionaria o aparelho ao trabalho. Adiante veremos como o princípio do desprazer foi incluído nesse minucioso projeto de forjar um aparelho, o qual foi cuidadosamente detalhado em suas estruturas e movimentos mais simples para, enfim, atingir o objetivo de conseguir, em 1900, fundamentar os processos psíquicos envolvidos nos sonhos, e que será válido para explicar todo e qualquer tipo de funcionamento psíquico, não só as perturbações mentais.

Conforme alertamos no início, em vista dos objetivos do trabalho, não nos aprofundamos na questão dos sonhos, detivemo-nos ao que Freud apresentou sobre o aparelho psíquico e sua forma de atuação. Optamos por esse viés pois, se entrássemos nas questões dos sonhos, isso acarretaria, em demasia, a extensão de questões que fogem ao objetivo deste trabalho.

Nas sessões anteriores vimos que as atividades de um aparelho psíquico primitivo e fictício seriam reguladas pelo movimento reflexo, e que o acúmulo de excitação é evitado, uma vez que a tendência original do aparelho é manter-se com um mínimo de excitação possível. A via de descarga vem a ser a motilidade, mediante a qual haveria a possibilidade de se produzir alterações no mundo externo. Vimos também que a vivência de satisfação designa uma experiência originária, da qual resulta uma tendência primitiva de funcionamento, visto que a busca pelo objeto que proporcionou a satisfação originária é feita por meio de uma identidade perceptiva, ou seja, a ocupação da percepção do objeto desde o interior do corpo.

Freud relata que ao repetir a vivência de satisfação ocorre uma diminuição das excitações que podem dar origem às sensações de prazer. Ao supor que prazer e desprazer seriam causados pelo aumento e diminuição das excitações no aparelho, Freud considera que essas sensações regulam automaticamente o curso das excitações dentro do aparelho. Em outras palavras, com o aumento das excitações ocorre o desprazer e com a diminuição delas ocorre a sensação de prazer.

Com a tendência original do aparelho de manter-se tanto quanto possível livre de excitações, podemos dizer que, com o aumento dessas excitações no interior do sistema, aumenta o desprazer e a direção sensata é a eliminação, que por sua vez vai em busca do prazer. Freud nomeia do que resta da vivência de satisfação de desejo conforme já mencionamos. Em suas palavras:

A uma corrente dessa índole produzida dentro do aparelho, que parte do desprazer apontando para o prazer a chamamos desejo; temos dito que só o desejo e nenhuma outra coisa, é capaz de colocar o aparelho em movimento, e que o curso da excitação dentro dele é regulado automaticamente pelas sensações de prazer e desprazer (Freud, 1900/2004, p. 588).

Como vimos ao discutir a vivência de satisfação, a primeira experiência do desejar pode ter ocorrido de forma alucinatória por meio da lembrança da satisfação, ou seja, da ocupação excessiva da imagem do objeto que proporcionou a satisfação da necessidade, no entanto a alucinação não pode ser mantida, pois a necessidade não é satisfeita acarretando a desilusão. Dito isso, Freud inclui a atividade do pré-consciente o qual busca inibir a ocorrência da percepção alucinatória. Isso faz com que ocorra a atividade mais complexa e a busca do prazer segue em direção ao mundo externo – uma satisfação com o objeto real. O trabalho do aparelho pode, agora, contentar-se em receber a satisfação desejada após um período de espera por uma satisfação plena.

A retomada de tais considerações se fez necessária em virtude da necessidade de incluirmos a questão do prazer/desprazer²¹ na vivência de satisfação e de dor; isso porque essas sensações estão relacionadas ao que Freud designa como princípio do desprazer. Se no *Projeto...* Freud denominava tendência à constância o funcionamento modificado a partir do princípio da inércia, em 1900 denominará princípio do desprazer o que regula o funcionamento psíquico nesta etapa primitiva do desenvolvimento. O acúmulo de excitações é o que gera o desprazer e ao mesmo tempo impulsiona as excitações para que sigam em direção a uma eliminação, ou seja, seguir em busca de algo que satisfaça as necessidades que estariam causando desprazer pelo acúmulo no interior do sistema.

Para esclarecer as questões relacionadas às sensações de prazer e desprazer devemos recorrer novamente ao texto do *Projeto...*, pois em 1895 Freud trata dessa questão de uma forma muito mais esclarecedora e aprofundada do que em 1900. Essa discussão remete ao que Freud propõe para a regulação do aparelho, sendo que toda a tendência original é de evitar o desprazer.

²¹ Serão aprofundadas estas questões logo em seguida.

Freud introduz o prazer e o desprazer em 1895 na seção sobre a consciência e refere que o conteúdo da consciência contém, além das qualidades sensoriais, as sensações conscientes de prazer e desprazer. Assim se expressa depois de haver introduzido o tema da consciência: “Mas até agora descrevemos de forma incompleta o conteúdo da consciência; ele mostra, fora a série das qualidades sensoriais, uma outra série muito diferente daquela, a série das sensações de *prazer e desprazer...*” (Freud, 1950/2003, p. 190 grifo no original). Para começar a discorrer sobre mais esse aspecto da consciência, Freud (1950/2003) retoma a tendência da vida psíquica a evitar o desprazer e inclina-se a identificá-la ao princípio da inércia. Em suas palavras: “Uma vez que é certamente conhecida por nós uma tendência da vida psíquica para *evitar desprazer*, estamos tentados a identificá-la com a tendência primária para a inércia” (Freud, 1950/2003, p. 190 grifo no original). Simanke (2002) refere-se a essa tendência da vida psíquica a evitar o desprazer como algo a ser assumido como um dado da experiência e refere que o interessante seria relacionar essa tendência com o que Freud vinha propondo até então no *Projeto...*, um funcionamento que tende a se livrar dos estímulos o tanto quanto possível. A relação de uma tendência geral a evitar o desprazer associada ao princípio da inércia levou Freud a propor que o desprazer teria a ver com o aumento de Q, ou seja, se o princípio de inércia, mesmo com as modificações a que está sujeito, propõe um funcionamento que visa a manter-se livre de estímulos, uma tendência a evitar o desprazer teria como proposta evitar a elevação no nível de Q. “Logo, *desprazer* corresponderia ao aumento do nível de Qn’ ou ao crescimento quantitativo de pressão” (Freud, 1950/2003, p. 190 grifo no original).

Na compreensão de Simanke:

Assume-se, portanto, que esse princípio ordenador da atividade psíquica – depois de ter sofrido uma série de especificações e limitações, a primeira delas sendo a introdução da noção de constância – exprime-se, finalmente, no plano da experiência consciente como uma inclinação a evitar o desprazer (Simanke, 2002, p. 106).

Em outras palavras, uma inclinação a evitar o desprazer dar-se-ia em um plano da experiência consciente, pois como vimos acima, as sensações de prazer e desprazer são qualidades, portanto, próprias da consciência. Freud propõe-se a aclarar essa complexa questão de como um aumento de quantidade poderia ser sentido como desprazer, e conclui: “... o desprazer seria a sensação ω no caso de um acréscimo de Qn’ em Ψ . Prazer seria a sensação de eliminação” (Freud, 1950/2003, p. 190 grifo no original). Sabemos que as

sensações de prazer e desprazer são sentidas em ω , onde se originam as qualidades, e Freud refere que o aumento de quantidade ocorre em Ψ , portanto Freud trata de estabelecer uma relação entre os níveis de ocupação de ω e Ψ . No capítulo anterior, na seção sobre o sistema ω vimos que em tal sistema chegaria apenas uma pequena parcela de quantidade, apenas para a apreensão do período e que isto se daria por meio do sistema Ψ . Vimos também que para a apreensão do período que tem a ver com as qualidades sensoriais, seria necessário um estado quantitativamente ótimo, pois a variação deste estado ótimo, para mais ou para menos, causaria alterações na recepção de qualidades. Portanto, as sensações de prazer e desprazer são descritas por Freud como correspondente em ω a essas variações quantitativas que ocorrem em Ψ . O aumento ou a redução do nível de quantidade em Ψ reflete nos níveis de ocupação em ω , que deveria ser ótima, apenas para a apreensão do período. Assim, o aumento de Q em Ψ acarreta um aumento de Q em ω , sendo sentido neste sistema como desprazer; bem como a diminuição de Q em Ψ acarretaria uma diminuição também em ω , podendo ser sentida como prazer. Freud apresenta suas suposições:

Visto que o sistema ω deve ser preenchido por Ψ , resultaria a suposição de que, pelo aumento do nível de Ψ , aumentaria a ocupação em ω , e que, ao contrário, o nível caindo, ela diminuiria. Prazer e desprazer seriam as sensações da própria ocupação, do próprio nível em ω , em que ω e Ψ são representáveis de certo modo como vasos comunicantes (Freud, 1950/2003, p. 191).

A partir dessas considerações podemos ilustrar que o princípio regulador do aparelho que Freud forja em 1900 assim como o princípio regulador do aparelho neurônico do *Projeto...* começam a ser pensados também em relação às sensações de prazer e desprazer.

Após essas considerações sobre o prazer e o desprazer seria interessante apresentarmos o que Freud propõe em relação à dor²² em 1895, que não é a mesma coisa que o desprazer, mas se parece com ele.

Freud introduz a questão da dor em 1895 considerando que “... o sistema nervoso é disposto de modo que as grandes Qs externas estão afastadas de Φ e mais ainda de Ψ : {servem a esse objetivo} as proteções das terminações nervosas e a ligação somente indireta

²² As considerações de Freud (1895) sobre a dor trás uma grande contribuição para esse trabalho, visto que a inclinação para a fuga da dor vem a ser essencial para a compreensão da regulação dos processos psíquicos.

de Ψ com o mundo externo” (Freud, 1950/2003, p.185). E completa que a falha dessa regra biológica de manter Q externa afastada dos sistemas de neurônios seria a dor. Em outras palavras podemos considerar a dor como a entrada de um nível elevado de Qs externas no aparelho de neurônios, começando pelo sistema Φ e atingindo Ψ . Em decorrência disso, Freud faz algumas considerações.

Ele propõe que “O sistema nervoso tem a mais decidida inclinação para a *fuga da dor*” (Freud, 1950/2003, p.186, grifo no original), e declara que tudo o que sabemos sobre a dor concorda com isso. Considerando a inclinação para a fuga da dor, Freud abre um caminho para relacionarmos esse pressuposto à tendência primária de manter o sistema tão livre de Q quanto possível: “Distinguimos nesta inclinação a exteriorização da tendência primária contra o aumento de tensão de Qn’ e inferimos que *a dor consista na irrupção de grandes Qs da direção de Ψ* ” (Freud, 1950/2003, p.186, grifos no original). Freud infere que a dor consiste na entrada de um nível elevado de Q em Ψ , e refere que ocorre uma falha no caso da dor, pois de forma regular o sistema seria afastado de grandes Qs por meio dos órgãos de terminações nervosas, que impediriam esse montante elevado adentrar ao sistema Φ e conseqüentemente em Ψ . Devido a inclinação do sistema nervoso para a fuga da dor associado ao princípio primário contra o aumento de Q, podemos realmente caracterizar a dor como uma irrupção de grandes Qs externas em direção ao sistema de neurônios. Seria possível concluir que tanto no caso da dor como no caso do desprazer ocorre uma elevação do nível de Q, mas a dor consiste em Qs externas enquanto que sabemos que o desprazer pode também ser ocasionado em virtude de Qs advindas do interior do corpo.

Simanke propõe que

... essa inclinação facilmente constatável da atividade nervosa manifesta a tendência primária do sistema a evitar o aumento do nível de Qn’; quer evitando a ocupação, quer descarregando-a o mais prontamente possível, o que permite identificar a dor – o fracasso, lembre-se, dessa tendência – à “*irrupção de grandes Qs em direção a Ψ* ” (Simanke, 2002, p. 75, grifo no original).

A inclinação do sistema nervoso seria em direção a fuga da dor assim como a tendência da vida psíquica seria manter-se livre do desprazer, ou seja, a tendência original de funcionamento do aparelho de manter-se livre de estímulos associa-se a estas considerações.

Com a exposição do que Freud considera sobre a dor e suas relações com a tendência à fuga da dor, estamos em condições de introduzir outro elemento importante para

continuarmos essa discussão: a vivência de dor – nome que Freud dá a um processo psíquico suposto primitivo, como a vivência de satisfação, e do qual restará igualmente uma tendência de funcionamento mental automático. Assim como na vivência de satisfação o que restou foi o desejo, ou seja, a tendência a percorrer o caminho mais curto e rápido que leva ao objeto que trouxe a satisfação, na vivência de dor restará a tendência automática à defesa. Para compreendermos esse automatismo defensivo vamos nos ater ao que Freud apresenta sobre a vivência de dor.

Assim como a vivência de satisfação, Freud reconhece a vivência de dor como determinante para marcar o funcionamento primitivo do aparelho. Freud refere-se a essa vivência para levar adiante suas considerações sobre o princípio do desprazer. A vivência de dor é descrita por Freud em 1900 de forma sucinta, talvez em virtude de ter se dedicado bastante a essas questões em 1895, inclusive utilizou-se de um capítulo todo do *Projeto...* para esclarecer o mecanismo da dor e outro para abordar a vivência de dor. Mas antes de recorrermos ao *Projeto...* para salvar-nos de possíveis lacunas que uma exposição sucinta pode acarretar, vejamos o que ele nos propõe em 1900.

Freud declara que a vivência de dor é uma vivência de pavor frente a algo externo. No caso de incidir um estímulo na extremidade perceptiva do aparelho que provoque uma excitação dolorosa, dado o princípio que regula o seu funcionamento, esta tende a ser eliminada pela via motora. Via esta responsável pela modificação do meio externo; e, no caso da vivência de dor, também, faz-se necessária uma mudança para subtrair o estímulo, assim como no caso da vivência de satisfação. Por meio da motricidade, suponhamos que ocorram movimentos que, mesmo descoordenados, ajudem no cancelamento do estímulo no interior e dessa forma façam com que cesse o estímulo; neste caso houve uma diminuição do que estava provocando a dor, ocorreu um cancelamento do estímulo que incidia sobre o aparelho; isso só foi possível porque houve, por meio de movimentos involuntários, um movimento que atendia à necessidade do estímulo. Constatamos que essa vivência que se parece em partes com a de satisfação, trabalha para a eliminação do que é desagradável; podemos lembrar o exemplo da fome no caso da vivência de satisfação, ela trabalha na direção de algo que traga o alimento; mas no caso da vivência de dor, um movimento já é o suficiente para o cancelamento do estímulo, ou seja, o movimento do aparelho segue em direção a algo que fuja do desprazer.

Vimos que no *Projeto...* Freud refere que o desprazer é a sensação consciente de um aumento de Q em Ψ , portanto, ele tem a ver com um aumento de Q no interior do corpo e a

dor seria a irrupção de grandes Q advindas do exterior. Portanto, refere (1895) que o sistema Ψ está exposto às Qs de origem interna e também às Qs em nível elevado de origem externa que rompem as proteções em Φ no caso da dor. Com a irrupção de Qs enormes em Ψ , Freud refere que ocorrem três situações neste sistema: 1- um aumento grande no nível de Q, sentido como desprazer no sistema ω ; 2- uma inclinação à eliminação; e 3- uma facilitação entre os caminhos de eliminação e a imagem recordativa do objeto que excitou a dor. Assim, na vivência de dor, podemos dizer que no caso de um aumento de nível em Ψ aumentaria também o nível em ω proporcionando, uma inclinação à eliminação, pois o nível aumentou e a tendência do aparelho seria neste caso em direção à eliminação. Freud pontua ainda que esse caminho de eliminação estaria facilitado no caso de uma nova ocorrência desse processo, ou seja, o reaparecimento do objeto que excitou a dor provocaria uma tendência à eliminação pelos caminhos facilitados na primeira ocorrência da dor.

Freud continua suas considerações e refere que a imagem do objeto hostil poderia ser ocupada também sem a presença real deste, por exemplo, no caso de uma percepção²³. Neste caso refere que ocorre algo similar a dor, contém desprazer e uma inclinação para a eliminação, mas não é a dor, pois, o aumento de Q que seria o responsável pelas sensações de desprazer em ω não teria vindo de fora. Neste caso seria interessante lembrarmos que para a ocorrência da dor, o objeto hostil deveria realmente estar presente, para que este excite a dor e dessa forma ocorra o aumento de Q partindo do mundo externo em direção a Φ e conseqüentemente a Ψ ; mas Freud está justamente considerando a possibilidade de uma ocupação da imagem do objeto hostil sem a presença deste, o que ele chama de recordação do objeto hostil. Na ocupação recordativa do objeto hostil não ocorre a dor, mas sim o desprazer²⁴. Para ocorrer o desprazer como vimos, é necessário que haja um aumento de Q; se no caso da recordação do objeto hostil esse aumento não vem de fora, Freud propõe que “Portanto, resta apenas supor que, por meio da ocupação de recordações, seja liberado desprazer desde o interior do corpo, e de novo transposto para cima” (Freud, 1950/2003, p.198).

²³ Neste caso não ocorreria uma aparição real do objeto que causou a dor, mas sim uma ocupação da imagem recordativa deste, ou seja, algo que remeta ao objeto mas que não é o objeto que causou a primeira ocorrência da dor.

²⁴ Freud nos apresenta aqui que a dor é diferente do desprazer, no caso da dor o aumento de Q em Ψ decorre desde o mundo externo, já o desprazer também pode ser ocasionado também pelo aumento de Q desde o interior do corpo. Segundo Gabbi Jr. “A dor não é idêntica ao desprazer. Toda dor é desprazível, mas nem todo desprazer tem origem na vivência dolorosa, podendo decorrer do acúmulo de quantidades endógenas” (Gabbi Jr., 2003, p. 58).

Freud concede então uma fonte interna de Q na vivência dolorosa. Como podemos entender a liberação de desprazer desde o interior do corpo na vivência dolorosa? Freud reconhece que só pode expor o mecanismo desta liberação supondo a existência de neurônios secretores – os neurônios chave, eles agem sobre o organismo levando-o a liberar Q.

... como há neurônio motores que, no caso de certo preenchimento, conduzem Qn' para os músculos e assim eliminam, têm de existir neurônios “secretores” que, quando excitados, originam no interior do corpo algo que age como estímulos nas trilhas de condução endógenas para Ψ ; que, por conseguinte, influenciam a produção de Qn' endógenas; com isso, eles não eliminam Qn's, mas as fornecem de forma indireta (Freud, 1950/2003, p.198, grifo no original).

Freud considera que esses neurônios só são excitados, ou seja, só produzem Q endógena, de um certo nível de Ψ em diante, e em virtude da ocorrência da vivência de dor, foi estabelecida uma facilitação entre esses neurônios chave e a imagem recordativa do objeto hostil, dessa forma, quando ocorrer a reprodução ou a recordação da vivência de dor o desprazer é liberado. Segundo Gabbi Jr. (2003), os neurônios chave levam o organismo a liberar Q, e eles tem sua explicação fundada na crença de que só entrariam em funcionamento após um certo nível de Q. Assim na vivência de dor, o desprazer tem origem dupla: 1- externa – provocada pelas impressões causadas pelo objeto hostil e 2- interna – causada pelos neurônios chave – no caso da reprodução da vivência dolorosa. O caminho de eliminação consiste na associação entre o neurônio chave e a recordação do objeto hostil. Pela facilitação que existe entre os neurônios chave e a recordação do objeto hostil, o desprazer é liberado não só a partir da ocorrência da dor, mas também na recordação ou na reprodução da vivência de dor, que Freud chama aqui de afeto²⁵. Com isso Freud propõe que pode ocorrer uma liberação grande de desprazer mesmo referente a uma ocupação diminuída da imagem recordativa do objeto hostil, ou seja, mesmo a ocupação não correspondendo a uma imagem fiel do objeto hostil ocorreria uma liberação grande de desprazer. Sendo assim, Freud conclui que a dor “... deixa atrás de si facilitações especialmente abundantes” (Freud, 1950/2003, p.199).

²⁵ Segundo Gabbi Jr. “O termo afeto é usado nesta passagem para denotar uma recordação, uma reprodução de uma vivência dolorosa. Mais tarde, Freud amplia o sentido do termo, usando-o para referir-se a qualquer irrupção quantitativa e, portanto, incluindo também a reprodução das vivências de satisfação” (Gabbi Jr., 2003, p. 58).

Gabbi Jr. (2003) refere que no caso de uma facilitação entre a eliminação e o objeto que excitou a dor, surgiria "... uma forte tendência a desocupar a imagem recordativa" (Gabbi Jr., 2003, p. 57). Diferente do que ocorre na vivência de satisfação, em que os neurônios referentes a imagem recordativa do objeto que causou satisfação tendem a ser prontamente ocupados; na vivência de dor, em virtude da facilitação entre esse objeto e a eliminação, na ocasião da reaparição do objeto, ocorreria a retirada imediata das excitações que preenchem os neurônios referentes a imagem do objeto que excitou a dor. Essa tendência automática à desocupação da imagem do objeto hostil Freud chama de defesa. Freud refere que da vivência de dor "... resulta uma repulsa, uma aversão, a manter ocupada a imagem recordativa hostil" (Freud, 1950/2003, p.199). Assim como na vivência de satisfação ocorre a atração para o objeto de desejo, na vivência de dor ocorre a defesa, ou a repressão, que é o abandono da ocupação da imagem hostil.

Em 1900, Freud propõe que

Este estranhamento que o aparelho psíquico realiza facilmente e de maneira regular a respeito de uma recordação que uma vez foi penosa nos proporciona o modelo e o primeiro exemplo da *repressão psíquica* {esforço de desalojamento psíquico} (Freud, 1900/2004, p. 590, grifo no original).

Ao referir que o aparelho psíquico tende a se subtrair de algo que foi penoso, assim como o aparelho neurônico possui uma inclinação para a fuga da dor, Freud propõe que em virtude dessa repulsa a manter ocupada a imagem recordativa, ocorra um escoamento das excitações que, na linguagem de 1900, corresponderiam a imagem mnêmica referente ao objeto hostil. O estranhamento ocorreria em virtude da retirada das excitações dolorosas²⁶ das imagens mnêmicas correspondentes ao objeto hostil, ou seja, o aparelho corre o risco de perder algumas lembranças. O escoamento das lembranças pode ficar mais claro com as descrições de Freud feitas no *Projeto...* sobre a dor e os estragos que ela pode causar aos sistemas. Vimos que a dor é a irrupção de grandes Qs externas em direção aos sistemas de neurônios, e que esse aumento em Φ e conseqüentemente em Ψ pode ser sentido como desprazer no sistema ω . O efeito da entrada de um nível tão elevado de Q em Ψ pode

²⁶ Que ocorreram em virtude do aparecimento do objeto hostil, ou da recordação desse objeto.

ocasionar uma permeabilidade neste sistema, tornando-o similar a Φ . Isso ocorreria, pois as diferenças entre as facilitações das barreiras de contato se dão em virtude da diferença do nível de Q , com isso, a dor pode destruir essas diferenças por ocasionar a entrada de grandes Q s não apenas em Φ , mas também em Ψ . O sistema Ψ que seria responsável pela memória, na ocorrência da dor se veria impossibilitado de exercer suas funções regulares. Gabbi Jr. propõe que “Como o efeito da dor é anular as diferenças quantitativas no sistema nervoso, torna-se problemático saber como seria possível existir uma memória de uma vivência dolorosa” (Gabbi Jr., 2003, p. 42). Em outras palavras, podemos dizer que no caso da dor não seria possível o sistema Ψ reter nada, ou seja, o grande nível de Q proporcionou uma facilitação como a dos neurônios Φ , como se não existissem barreiras de contato. Assim, como dissemos anteriormente, no caso da ocorrência da vivência de dor ou da recordação desta, o aparelho corre o risco de perder as lembranças correspondentes à situação dolorosa.

Portanto, em 1895 e também em 1900, Freud expõe que a vivência de dor atuaria como um processo primário, uma tendência automática com vistas a livrar-se do desprazer causado pela excitação das lembranças dolorosas.

Podemos compreender que o aparelho trabalharia tanto em 1895, como em 1900, para seguir a tendência original de funcionamento, ou seja, desfazer-se do que causa o desprazer. Tanto da vivência de satisfação como da vivência de dor restam tendências que partem do desprazer para a busca do prazer. As vivências são processos psíquicos que ocorrem no interior do aparelho e permitem a Freud, por meio do princípio que regula o funcionamento deste aparelho, mantê-lo tão livre de estímulos quanto possível. No caso da vivência de satisfação, o aparelho tem que lidar com os estímulos do interior do corpo que chegam em Ψ e no caso da vivência de dor, com as excitações internas e externas em nível elevado. De acordo com o que foi exposto até este momento sobre essas vivências, o aparelho se comporta de formas específicas para lidar com cada uma delas, mas sempre dentro da regulação exercida pelo princípio do desprazer, ou seja, com o intuito de manter o organismo livre ou tão livre quanto possível de excitações.

Como sabemos, esse modo primitivo de funcionamento não poderia dominar as ações do psíquico; pois, tanto na vivência de satisfação como na vivência de dor, as consequências de um reinado do princípio do desprazer não seriam adequadas para o indivíduo. A regulação exclusiva desse princípio, sendo um funcionamento primário, visa à exclusão do desprazer a qualquer custo, sem se preocupar com as consequências que causariam ao indivíduo, portanto uma tendência ou um movimento arcaico que não condiz

com o funcionamento mais complexo que caracteriza um indivíduo. Nesses termos, Freud não se exclui da contemplação de algo que proporcionasse um desenvolvimento dessas funções primárias, para que elas pudessem aperfeiçoar essas funções que futuramente dirigissem o curso da vida do indivíduo.

Com a consequência de um reinado do princípio do desprazer, vislumbramos que na vivência de satisfação o indivíduo pode chegar à alucinação do objeto de satisfação e na vivência de dor o indivíduo pode subtrair-se da lembrança de algumas ocorrências dolorosas. Entretanto, o trabalho de um segundo sistema pode impedir essas tendências inadequadas, quando não, prejudiciais ao organismo, e busca substituí-la por uma que seja mais adequada ao indivíduo, de acordo com a realidade.

Vimos acima que resta da vivência de dor um mecanismo em que o aparelho estranha a lembrança do que um dia foi aflitivo, o que Freud designa de repressão [*Verdrängung*] – na linguagem do *Projeto...* ocorreria uma repulsa à ocupação da imagem hostil, ou seja, a defesa. Esse estranhamento é expresso pela desocupação ou retirada das excitações presentes na imagem mnêmica correspondente ao objeto hostil. Dessa forma, como referimos anteriormente, esse mecanismo seria prejudicial ao organismo, pois este tipo de reação defensiva poderia levar ao esquecimento da vivência dolorosa. Para que ocorra a inibição desses processos que visam um funcionamento primitivo do aparelho, Freud propõe que o segundo sistema, o pré-consciente exerça essa função inibidora, assim como no *Projeto...* essa função era exercida pelo eu²⁷.

Para Freud (1900) o pré-consciente deveria encontrar uma maneira de impedir o livre escoamento das excitações desprazerosas inibindo o desprazer contido nelas. A inibição do desprazer permite certa diminuição na reação defensiva, pois sabemos que o processo de defesa ou repressão visa a desocupação total e imediata da imagem mnêmica causadora de desprazer. O sistema pré-consciente deve ser capaz de alcançar este objetivo, porém de forma menos intensa, mediante a inibição do desprazer contido nessas excitações. Em oposição ao processo primário que visa o livre escoamento, a inibição exercida pelo pré-consciente permite ao aparelho conseguir uma defesa mais branda, uma defesa que, diferentemente da repressão, pode ser considerada normal, ou seja, uma desocupação ou eliminação mais adequada ao aparelho, mais de acordo com o processo secundário. Cabe ressaltar que a

²⁷ Souza (2009) pode auxiliar-nos na compreensão da relação entre as funções do eu no *Projeto...*, de 1895, e as funções do sistema pré-consciente em *A Interpretação dos sonhos*, de 1900. A partir da análise do conceito de eu, a autora mostra que embora este não seja explicitamente discutido por Freud no texto de 1900, suas funções, entre elas a de inibição dos processos primários, são atribuídas ao sistema pré-consciente.

inibição do desprazer não é completa, o início da liberação do desprazer deve ocorrer para que o segundo sistema saiba da natureza da lembrança e assim comece a exercer a inibição correspondente. Assim como na vivência de satisfação o ímpeto a percorrer o caminho do desejo contou com a inibição do pré-consciente para que a satisfação fosse alcançada na realidade, também frente a tendência à defesa patológica, o pré-consciente necessita inibir o desprazer contido nas lembranças dolorosas para que elas não sejam eliminadas de forma a prejudicar o organismo e assim o aparelho psíquico possa dispor de todas as recordações do indivíduo.

As duas vivências do aparelho psíquico constituem o modo primitivo de funcionamento do aparelho, que requer um auxílio para que obtenha um desenvolvimento e atinja um modo maduro de funcionar. Essa maneira primitiva de funcionamento psíquico ou tendência a livrar-se imediata e automaticamente do aumento de excitações sentidas como desprazerosas é o que Freud denomina, em 1900, de princípio do desprazer. Esse princípio regula as ações do aparelho psíquico concebido por Freud em 1900 para explicar os sonhos. O funcionamento se daria completamente pela regulação desse princípio primário se não fosse a interferência de um processo secundário para inibir a tendência por ele estabelecida. Freud chegou a essas considerações após basear-se na estrutura de um aparelho psíquico, com sistemas que ajudaram no esclarecimento da obscura tarefa de propor um aparelho para as funções mentais.

Não podemos deixar de salientar que as propostas feitas por Freud para a hipótese desse aparelho de 1900 se assemelham às hipóteses do aparelho neurônico de 1895. Se não levarmos em conta as diferenças de linguagem que podem afastá-los, esses dois aparelhos estariam mais próximos e se complementariam. O princípio da inércia e a noção de constância propostas em 1895 podem servir, segundo relatam Laplanche e Pontalis (2008), de base para o que Freud designa como os princípios que regulam a atividade mental. Neste texto, Freud denomina-o princípio do desprazer e, em 1911, utiliza pela primeira vez o termo princípio do prazer.

2.5 Considerações finais

Em vista do que realizamos até agora com os dois capítulos iniciais deste trabalho, podemos observar que os estudos de Freud e as teses apresentadas no *Projeto...* sobre o funcionamento do aparelho neurônico podem servir de base para a compreensão e análise da

forma de regulação do aparelho psíquico que ele propõe no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* em 1900. Podemos perceber que apesar das mudanças²⁸ que ocorrem na escrita e nos pensamentos de Freud de uma época a outra, muitas considerações sobre o funcionamento psíquico de 1900 necessitam de esclarecimentos que encontramos apenas no *Projeto...*, tornando os textos de certa forma próximos.

O princípio do desprazer é responsável pela regulação do aparelho psíquico em 1900 e atua de forma a assemelhar-se com o funcionamento da constância do *Projeto...*, o objetivo e a direção da regulação seria manter-se afastado do que é desagradável, sendo que o aumento de Q nos sistemas é sentido como desprazer. Concluimos que o princípio do desprazer se assemelha com as teses de funcionamento do aparelho neurônico de 1895, e ainda podemos dizer que o princípio do desprazer pode ser melhor compreendido quando retomamos as considerações apresentadas por Freud em 1895 e as introduzimos nas discussões de 1900.

Dessa forma, após um exame dos textos em que Freud se ocupa das teses sobre o funcionamento psíquico, seguiremos para o capítulo 3, que examina a síntese proposta por Freud em 1911, na qual apresenta o princípio do prazer e o princípio da realidade como os princípios reguladores do funcionamento mental. O capítulo que se encerra trata de evidenciar as semelhanças das teses sobre o funcionamento psíquico de 1900 com as teses de 1895; no próximo capítulo pretendemos verificar se o princípio do prazer realmente constitui-se a partir dessas formulações anteriores (de 1895 e 1900) e supor algumas conjecturas sobre as modificações introduzidas por Freud na designação desse princípio, princípio da inércia, princípio do desprazer, princípio do prazer.

²⁸ Em relação a essas mudanças podemos ressaltar, como vimos no corpo do texto, que uma delas seria a forma da escrita, a diferença de linguagem utilizada em 1895 e em 1900 e também seu objetivo, pois em 1895 Freud se propõe a apresentar um aparelho neurônico, com bases materiais que pressupõe processos psíquicos, já em 1900 se dedica a uma apresentação mais voltada a psicologia sem referir-se a bases naturais.

Capítulo 3

A denominação “princípio do prazer” em 1911: uma síntese a partir do *Projeto... de 1895 e A Interpretação dos sonhos de 1900.*

Até esse ponto não foi dada referência ao princípio do prazer propriamente dito. Tratamos de explicitar nos capítulos anteriores os princípios que regulam o psiquismo, anteriores à designação conhecida como princípio do prazer. Neste ponto do trabalho teremos a oportunidade de, com o auxílio do conteúdo apresentado anteriormente, verificar se o princípio do prazer constituiu-se a partir daquelas formulações.

Verificamos que, segundo Strachey (1958/2001), a primeira vez que Freud utiliza o termo princípio do prazer foi em 1911 no texto *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental*. Neste texto, Freud introduz o princípio do prazer como um dos princípios que regulam o acontecer psíquico; e o faz com base em concepções anteriores que tratam de suas hipóteses teóricas sobre o aparelho psíquico. De acordo com os comentários editoriais de Strachey (1958/2001) a esse texto, Freud empreende-se novamente, depois de mais de 10 anos, a examinar as hipóteses teóricas voltadas ao acontecer psíquico. Considera que os textos de 1895 e 1900 seriam tentativas anteriores para o esclarecimento de tais hipóteses.

Sua primeira grande tentativa de empreender um exame dessa índole foi revestido de uma terminologia quase neurológica no “Projeto de uma psicologia” de 1895, que no entanto não foi publicado durante sua vida (Freud, 1950). No capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900) expôs um conjunto de hipóteses muito similares, ainda que desta vez em termos puramente psicológicos. Grande parte do material desse artigo (em especial o começo) deriva de forma direta dessas duas fontes. (Strachey, 1958/2001, p. 220, grifos no original).

Com isso, Strachey (1958/2001) aponta este texto de 1911 como um levantamento de estoque, como se Freud estivesse trazendo “à sua própria inspeção” (Strachey, 1958/2001, p.

220) das hipóteses sobre o aparelho psíquico apresentadas anteriormente, em 1895 e 1900. Tendo esse caráter de síntese, entendemos que não será necessário aprofundarmos as proposições sobre o princípio do prazer deste texto, mas sim, examinar se o princípio do prazer resulta das teses já discutidas nos capítulos iniciais desta dissertação; mesmo porque o texto de 1911, como disse anteriormente, seria um apanhado geral das teses de 1895 e 1900. Com isso, podemos reiterar a importância dos textos estudados até esse momento do trabalho, de modo que sem considerá-los qualquer exame do princípio do prazer poderia se ver dificultado.

Com isso, faremos uma breve exposição do que Freud propõe em 1911 sobre o princípio do prazer, para que assim seja possível compreender como as hipóteses aí apresentadas estão indissociavelmente ligadas àquelas noções fundamentais estabelecidas desde 1895 e 1900. Freud introduz o princípio do prazer²⁹ no texto de 1911 como um funcionamento psíquico caracterizado pelos processos primários, ou seja, uma tendência que aspira à obtenção de prazer. Nesse sentido, tudo o que viesse a provocar desprazer é afastado da atividade psíquica, ou seja, ocorreria a repressão. Freud refere que os processos primários são os processos psíquicos inconscientes, os quais restam de uma fase em que eram os únicos existentes; considera que esses processos devem ser tomados como ponto de partida para um exame da psicologia que se fundamenta pela psicanálise. Assim como em 1895 e em 1900, o aparelho trabalharia para a obtenção de prazer, ou seja, para a diminuição de excitações no aparelho, pois o seu aumento causaria o desprazer.

Freud parece expor suas ideias de forma condensada, como nos adverte Strachey (1958/2001), não se dedicando a aprofundá-las. Essa forma sucinta de se expressar nos faz reconhecer que a referência ao princípio do prazer parece mesmo resultar das teses anteriores em que o aparelho psíquico, por meio da tendência a constância e depois pelo princípio do desprazer tende a manter o aparelho tão livre de estímulos quanto possível. Na sequência, Freud retoma as teses de 1900 para tentar expor os movimentos do aparelho regulado pelo princípio do prazer.

²⁹ No início desse texto Freud usa a expressão princípio do prazer – desprazer e entre parênteses acrescenta que uma forma mais abreviada, ou mais sucinta seria princípio do prazer: “A tendência principal a que estes processos primários obedecem é fácil de discernir; se define como o princípio de prazer – desprazer (ou, mais brevemente de princípio do prazer)” (Freud, 1911/2007, p. 224). A essa modificação feita na designação de princípio do desprazer para princípio do prazer nos ocuparemos mais a frente.

Supõe que exigências internas perturbariam o estado de repouso do organismo; e que o desejado apresentar-se-ia de forma alucinatória. Como a alucinação não proporciona satisfação das carências, mas pelo contrário causa frustração, esta maneira de atuar do aparelho psíquico, via alucinação, seria abandonada. Como nos textos estudados anteriormente, também aqui Freud considera que assim que uma necessidade interna se impõe o organismo trabalha em direção de satisfazê-la, de modo que a primeira tentativa seguiria ao encontro do objeto que proporcionou a satisfação alguma vez. Porém, ocorre que nem sempre esse objeto é buscado na realidade, mas sim alucinado. Então, o que Freud relata com isso seria que, assim como vimos no texto de 1900, quando o objeto não é real não ocorre a satisfação, trazendo a desilusão. Dessa forma, em lugar da alucinação, o aparelho psíquico tratou de buscar situações reais no mundo externo, com a possibilidade de modificá-las e assim obter a satisfação almejada. Como parece fácil constatar, a descrição apresentada por Freud por meio dessas poucas palavras em 1911 diz respeito ao que examinamos anteriormente como sendo designada pela vivência de satisfação.

De forma igualmente sintética, Freud inclui o princípio da realidade como aquilo que se desfaz da alucinação e possibilita a consideração da realidade no funcionamento psíquico. Assim como a função inibitória do eu em 1895 e a atividade do pré-consciente em 1900, o princípio da realidade introduziria uma regulação mais fina, voltada para a inibição dos processos primários, a fim de permitir ao indivíduo uma satisfação das necessidades de acordo com a realidade. Freud parece supor que isso se daria de acordo com as proposições apresentadas nos textos anteriores, mas aqui com o nome de princípio da realidade. A atividade secundária que nos textos anteriores era atribuída a uma instância ou um sistema específico, aqui Freud designa como um princípio que regularia o funcionamento dessa instância responsável pela evitação da desilusão. Como sabemos, no caso da vivência de satisfação seria a alucinação e do caso da vivência de dor seria a perda de algumas lembranças relacionadas à situação dolorosa o que poderia trazer grandes prejuízos à vida do indivíduo em ambas as situações. No início de suas considerações já podemos perceber a semelhança com teses anteriores, examinadas nos capítulos 1 e 2, e isto pode ser observado em todo o texto em que Freud pretende, após essa breve introdução do princípio do prazer, apresentar algumas consequências acarretadas pela instauração do princípio da realidade.

Freud (1911/2007) sustenta que a consideração pela realidade é de fundamental importância para os processos psíquicos, assim como já a considerava no *Projeto...*, visto que,

por meio dela, é possível a satisfação das necessidades e a diminuição das excitações internas por certo espaço de tempo. O satisfazer-se de forma real e não alucinatória, permite a imposição do princípio da realidade sobre o princípio do prazer em que buscava a realização de desejo sem considerar aquela. Essa substituição não acarretaria um abandono da tendência original e nem um prejuízo ao princípio do prazer, pois Freud considera que a realização de um prazer mais duradouro e mais benéfico ao organismo surgiria em lugar de um prazer incerto.

Na verdade, a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade não implica uma deposição por completo do primeiro. O abandono de um prazer momentâneo, mas inseguro em suas consequências, só ocorre para que se possa ganhar por um outro caminho, um prazer seguro que virá depois (Freud, 1911/2007, p. 228).

Freud não apresenta aqui (1911) os mecanismos pelos quais ocorre essa substituição, mas desde o *Projeto...* sabemos que mediante o advento de uma instância egóica ocorre uma inibição dos processos primários governados pela tendência à constância para que os processos secundários, mais adequados à vida, encontrem expressão.

Freud esclarece, porém, que essa substituição não ocorre de uma só vez e nem em toda a extensão do psíquico; no início o organismo não faz nada a não ser desejar e encontra caminhos internos, sem considerar a realidade, para a realização de seus desejos. Com a instauração do princípio da realidade esses mecanismos são gradativamente alterados, o que permite que o organismo passe, então, a buscar a satisfação externamente, uma forma mais adequada ao desenvolvimento do indivíduo.

Freud declara no final de seu artigo que este seria um pequeno ensaio preparatório³⁰ e que muitas das questões não traziam fundamentação. De fato, podemos perceber que Freud resume em alguns parágrafos o que apresentou de forma bem mais aprofundada e específica em 1895 e 1900. Para que fosse possível expor suas ideias aqui de forma tão sucinta, foi necessário que os estudos anteriores atuassem como que um suporte, uma base para sustentar

³⁰ Podemos atribuir essa preparação para a apresentação dos artigos metapsicológicos que Freud publicará em 1915 em que trata desses assuntos de forma mais detalhada e específica.

essa forma tão resumida de se expressar. O mais importante para esse trabalho seria que, depois de fazer um exame dos textos em que Freud fundamenta o princípio do prazer, parece estarmos em condições de dizer que este princípio começa mesmo a ser pensado muito antes de ser designado com esse nome e que sua formulação vinha sendo estabelecida desde 1895³¹. As pequenas indicações que Freud faz no texto e a apresentação sucinta do princípio do prazer não deixam de mostrar que seus fundamentos e suas bases nos levam às teorias de 1895 e 1900.

Ao fazer um exame dos textos que tratam da teoria que aponta para a formação do princípio do prazer, resta-nos uma questão que paira sobre todo o trabalho: por que não manteve o nome de princípio do desprazer, uma vez que é o desprazer que impulsiona o aparelho a funcionar? Podemos levantar suposições a esse respeito para que possam ser pensadas e discutidas, mas vale antecipar que seriam apenas conjecturas e não respostas definitivas, pois trata-se de uma temática obscura que deve ser examinada com mais apuro e cuidado.

Em relação à mudança do nome que ocorre de 1895 para 1900 podemos supor que se daria em virtude das mesmas justificativas para a mudança da forma de se expressar, visto que Freud trabalha em 1900 em terreno psicológico e necessitava fazer-se entender como tal. A grande interrogação consiste na mudança de 1900 para 1911. No início do texto de 1911, como vimos, Freud refere-se ainda a um princípio do prazer – desprazer, e desse ponto em diante utiliza o termo princípio do prazer até o final da sua obra. Podemos supor que ao apresentá-lo como princípio do prazer – desprazer Freud estaria introduzindo uma mudança que se tornaria definitiva a partir desse momento. Em seus escritos podemos encontrar alguns indícios para que seja possível fazer conjecturas sobre essa alteração.

A primeira questão que se poderia levantar está relacionada ao texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905. Este texto foi escrito depois de *A interpretação dos sonhos* (1900) e antes de *Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental* (1911), e é nele que Freud introduz suas teses sobre a importância e presença de uma sexualidade infantil. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2008) foi com o abandono da teoria

³¹ Nos referimos a essa data pois, o texto do Projeto... (1895) foi a primeira tentativa de sistematizar um aparelho que atendesse às expectativas de Freud para o que regularia o psíquico, mesmo ainda com uma base neurológica; porém, poderíamos encontrar em textos anteriores a essa data, como por exemplo o texto *Sobre as afasias* (1891), algumas de suas ideias que apontavam para essa direção.

da sedução³² que Freud seguiu em direção a descoberta da sexualidade infantil. Esta é indicada por Freud não como uma vivência sexual/genital precoce, mas sim, com a presença de vários componentes sexuais na criança.

Em meio a suas considerações sobre a sexualidade infantil, Freud (1905) expõe que um sentimento de tensão tem em si um caráter de desprazer, opinião que, como vimos, encontra-se presente desde 1895, porém, uma tensão proporcionada por uma excitação sexual está sempre acompanhada de um sentimento de prazer. Freud tenta discutir a relação de uma tensão desprazerosa com o sentimento de prazer; mas não antes de considerar que tudo o que se relaciona com a série prazer/desprazer toca no ponto mais sensível da psicologia. Assim, não oferece uma abordagem desse problema em sua totalidade, mas discute-o unicamente em relação ao caso em que está examinando no momento, ou seja, a tensão sexual.

Freud considera que o estímulo das zonas erógenas³³ são acompanhados pela sensação de prazer, porém ocorre também um aumento da tensão sexual. Com a ocorrência da excitação sexual de outras partes do corpo acompanhada pela sensação de prazer, aumentaria também a tensão sexual que prontamente converte-se em desprazer quando não é possível obter um prazer posterior que diminuiria a tensão. Freud considera que o estímulo que provoca a sensação prazerosa desperta uma excitação que exige um prazer maior, e se isso não ocorre o aumento da excitação gera desprazer. “Este prazer último é o de maior intensidade e difere dos anteriores por seu mecanismo. É provocado inteiramente pela descarga, é em sua totalidade um prazer de satisfação e com ele elimina temporariamente a tensão da libido” (Freud, 1905/2001, p. 192).

Ao introduzir essas questões, Freud reconhece a dificuldade em apresentar um esclarecimento claro sobre a relação entre prazer e desprazer. Embora reconheça a importância da sensação de prazer inicial ligada às zonas erógenas, para que seja possível a obtenção de um prazer final voltado a satisfação genital, Freud não se aprofunda nas suas considerações sobre prazer e desprazer neste texto. Limita-se a observar que o aumento de tensão sexual pode ocasionar sensações de prazer, como é o caso do prazer preliminar, ligado à estimulação das zonas erógenas, mas, por outro lado, pode produzir desprazer quando essa

³² “Teoria elaborada por Freud entre 1895 e 1897, e posteriormente abandonada, que atribui à lembrança de cenas reais de sedução o papel determinante na etiologia das psiconeuroses” (Laplanche e Pontalis, 1982/2008, p. 469).

³³ Para Laplanche e Pontalis (1967/2008) zona erógena é “qualquer região do revestimento cutâneo-mucoso suscetível de se tornar sede de uma excitação de tipo sexual (p. 533).

tensão aumenta consideravelmente e não ocorre a satisfação (esta ocorreria com a liberação dessa tensão no ato sexual genital propriamente dito).

De qualquer forma, podemos perceber que deveria ocorrer a liberação da tensão sexual, pois seu aumento continuado poderia provocar desprazer extremo. Mesmo que com aumento da excitação sexual haja sensação de prazer, a satisfação genital final não ocorre enquanto não houver a liberação, ou seja, a descarga das excitações. Assim como as sensações de prazer na excitação sexual não conseguem se sobrepor ao desprazer causado pelo aumento de tensão, podemos talvez considerar que a fuga do que causa desprazer é essencial para a obtenção da satisfação. Em relação a essas questões, parece que a fuga do desprazer ainda viria em primeiro lugar. Para contribuir com o exame dessas questões, acrescentamos algumas considerações de Freud sobre a repressão, em 1900.

Na seção E do capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* (1900), ao expor suas considerações sobre a repressão, Freud propõe que as moções de desejo que provém do infantil não são inibidas pelo pré-consciente e encontrariam dificuldade de estabelecer um enlace com esse sistema. E acrescenta: “a realização de tais desejos não mais geraria um afeto prazeroso, mas sim de desprazer, e é justamente essa mudança de afeto que constitui a essência do que designamos por repressão” (Freud, 1900/2004, p. 593). Em 1895, Freud apresenta a repressão como sendo a desocupação da imagem recordativa do objeto hostil, o mecanismo que resta da vivência de dor, ou seja, a Q é retirada do grupo de neurônios que representam o objeto hostil. Em 1900, Freud delinea que o primeiro modelo e primeiro exemplo de repressão psíquica seria o estranhamento que o aparelho psíquico realiza frente a uma recordação que um dia foi penosa. Freud considera que existe conteúdos infantis que são subtraídos do acesso ao pré-consciente desde sempre e que são a condição da repressão. Na continuação de suas teses, em 1900, propõe que ocorra uma mudança de afeto, ou seja, os conteúdos que são sentidos como prazer por um determinado sistema – pelo inconsciente –, não podem ser sentidos como tal por outro sistema – pelo pré-consciente. Essa mudança de afeto é o que explicaria a repressão. Esses conteúdos, que depois de reprimidos não são mais acessíveis e não podem ser inibidos nem destruídos pelo pré-consciente, são provenientes do infantil e anseiam por expressão, pela satisfação do desejo, pelo prazer; se esses conteúdos conseguem vazão, provocam um afeto desprazeroso e não prazeroso como se esperava.

Em relação a mudança do afeto é importante salientar que elas ocorrem gradualmente pois, a partir do desenvolvimento do pré-consciente é possível a internalização de certos valores como o asco, a vergonha e a moral (Freud, 1905/2001). De posse desses

valores, o pré-consciente não consegue sentir como prazerosa algumas sensações relacionadas ao infantil e a partir do momento que o desprazer no pré-consciente começa a ser maior que o prazer, compreende-se que ocorra a repressão.

Como dissemos anteriormente, estas são apenas suposições, considerações que Freud deixou em seus textos e que utilizamos para fazer conjecturas a respeito da mudança na nomenclatura do princípio do prazer. O princípio do prazer desde sua primeira proposição em 1911, assim como a tendência à constância, de 1895, teria como objetivo desfazer-se do acúmulo de excitações que causariam o desprazer. Mesmo com as considerações acima e com a introdução da sexualidade infantil, sabemos que o aparelho psíquico trabalharia mais em favor da fuga do desprazer do que de uma busca do prazer. Assim, o nome princípio do desprazer parece abarcar de forma mais satisfatória os movimentos desse princípio regulador. Em virtude disso, alguns autores compartilham a opinião que esse princípio seria melhor designado mesmo de princípio do desprazer, vejamos:

... noção de *princípio do desprazer* – que, aliás, é muito mais precisa e fiel ao sentido do conceito do que a expressão “princípio do prazer” que passou a ser preferida a partir de Freud (1911), já que se trata muito mais de uma evitação do desprazer do que uma busca ativa e hedonista, pelo menos no sentido clássico, do prazer como um bem ou valor positivo (Simanke, 2002, p. 75, grifos no original).

Monzani também expõe suas considerações a esse respeito

... enquanto regulador da vida mental, o princípio do prazer (que, a bem da verdade, seria melhor denominado em sua forma original) funciona como uma tendência ao qual o psiquismo adere ... (Monzani, 1989, p. 189).

Apesar de Freud utilizar o princípio do prazer como designação definitiva para a regulação do psíquico, podemos verificar que, a tendência original de sua atuação vai em direção à fuga do desprazer, mas que, se bem sucedida essa fuga proporciona um prazer esperado.

Diante dessas considerações, poderíamos levantar, por fim, mais algumas conjecturas. Freud propõe em 1911 uma dualidade de princípios, ou seja, ao lado da regulação psíquica pela tendência a fugir do aumento de excitação, estabelecida claramente desde o *Projeto...* e *A interpretação dos sonhos*, Freud admite agora uma nova forma de regulação psíquica que leva em conta as exigências da realidade. Obviamente, tais exigências já vinham sendo consideradas como constitutivas do aparelho psíquico, pois é a partir da internalização de referências sociais como o asco, a vergonha e a moral que Freud concebia a formação de uma instância inibitória dos processos primários (o eu, no *Projeto*, e o sistema pré-consciente, no modelo de 1900). Assim, poderíamos pensar em uma necessidade de adequação dos termos trazida pelo texto sintético de 1911 em relação às apresentações mais analíticas anteriores, que leva Freud a utilizar-se da expressão princípio do prazer no lugar de princípio do desprazer. Dessa forma, o prazer parece ser mais adequado como oposição a realidade do que o desprazer. E se Freud propõe sistematizar o funcionamento psíquico em 1911 por meio de princípios, a forma mais adequada seria princípio do prazer *versus* princípio da realidade, mesmo que essa modificação na nomenclatura acarretasse em certa perda de significado em relação à tendência designada pelo princípio. A modificação para princípio do prazer parece contribuir para uma adequação na forma de expressar a nova dualidade de princípios: ao invés de dizer princípio do desprazer *versus* princípio da realidade, ou princípio do prazer-desprazer *versus* princípio da realidade, Freud teria preferido a expressão mais econômica e elegante na forma, princípio do prazer *versus* princípio da realidade. Esta adequação formal torna-se conveniente se levarmos em consideração a sistematização que Freud procurou fazer neste texto, como dissemos anteriormente, pois a partir dele parece inaugurar a síntese dos conceitos fundamentais que procurará realizar em 1915, com os trabalhos de metapsicologia. Dessa forma, é importante salientar que o texto parece apresentar um primeiro esforço de Freud na direção de uma sistematização conceitual, cujo esforço aponta para uma tentativa de enunciação em que os conceitos da metapsicologia sejam apresentados de forma cada vez mais coerentes entre si; e a dualidade princípio do prazer *versus* princípio da realidade pode ser uma delas.

Conclusão

Vimos no capítulo 1 que o texto do *Projeto...* não foi publicado por Freud, assim, a apresentação da teoria do aparelho psíquico feita no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos*, de 1900, é considerada a primeira publicação completa de suas ideias. Essa obra – *A interpretação dos sonhos* (1900) –, que veio a se tornar uma das obras mais importantes de Freud, contém em si a sua ideia de expor um aparelho que explicasse os movimentos psíquicos, porém não mais como em 1895, agora com uma linguagem psicológica e acessível. Contudo a obra de 1895 não pode ser esquecida por completo, pois suas suposições estão na base de muitas considerações que Freud apresenta em 1900, assim, em 1911 a exposição sucinta de suas idéias nos leva a crer que os textos de 1895 e 1900 tornaram-se a base e o fundamento do princípio do prazer.

Ao longo dos textos em que Freud apresentou suas teorias sobre os princípios de funcionamento psíquico até chegar em 1911 o lugar deste princípio não se alterou muito. “Até por volta dos anos 20, o chamado “princípio do prazer” teve uma existência relativamente tranquila no interior no edifício teórico da psicanálise” (Monzani, 1989, p. 189). Conforme sugeriu Monzani (1989), o princípio do prazer permaneceu de certa forma linear até o ano de 1911, apesar das modificações em sua formulação, suas funções e seu objetivo não se alteraram muito.

Conforme foi exposto no início deste trabalho, os conceitos de Freud são forjados lentamente e passam por reelaborações durante a obra. Poderíamos dizer que o princípio do prazer seria uma forma que Freud encontrou de apresentar, com outra designação, as considerações sobre o princípio do desprazer de 1900 e o princípio da inércia e a noção de constância de 1895. No texto de 1900, Freud tratou de desenvolver as hipóteses apresentadas em 1895 sobre o funcionamento de um aparelho que supõe processos psíquicos. Dessa forma, em 1911 tratou de evidenciar, como vimos, as teses contidas nesses outros dois textos.

Visto dessa maneira, podemos considerar que o princípio do desprazer (1900) é o desenvolvimento das teses sobre o funcionamento do aparelho neurônico de 1895, o que se tornou o definitivo princípio do prazer em 1911. Partirmos da premissa de que em 1900 Freud apresenta uma teoria do aparelho psíquico e utiliza como base seus pressupostos de 1895 para chegar em 1911 à designação de princípio do prazer; Freud designa-os de forma diferente e se

utiliza de uma forma diversa ao se expressar, não obstante suas funções e objetivos estão bem próximos.

É importante salientar que, apesar de Freud sustentar a designação de princípio do prazer até o final de sua obra, este princípio que permaneceu tranquilo e quase sem alterações em seu conteúdo até 1911, sofrerá uma grande mudança a partir de 1920. O texto *Além do princípio do prazer* (1920), como o próprio nome já introduz, contará com proposições e acréscimos que irão além do conteúdo proposto até 1911; no entanto não caberia a esse trabalho tratar também dessas questões, pois propusemo-nos a fazer um exame da constituição do princípio do prazer, de modo que se apresenta para além desse princípio deixaremos para uma oportunidade de estudo posterior.

Referências

- Aires, Almeida, org. “*Hedonismo*”. In: dicionário escolar de filosofia. Lisboa: Plátano, 2003. Versão online: [HTTP://www.defnarede.com/a.html](http://www.defnarede.com/a.html) Recuperado em 05 de Janeiro de 2011.
- Bauman, Zygmunt. (1998) *O mal estar na pós modernidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *O minidicionário da Língua Portuguesa*. 6ª edição. Curitiba: Positivo, 2004.
- Freud, Sigmund. (2004). *La interpretación de los sueños: segunda parte*. Obras completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 5, p. 504-608. (Originalmente publicado em 1900).
- Freud, Sigmund. (2001). *Projecto de Psicología: Parte I – Plan general*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 1, p. 339 -393. (Originalmente publicado em 1950).
- Freud, Sigmund. (2003). *Projeto de uma Psicologia*. (Osmyr Faria Gabbi Jr., Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1950).
- Freud, Sigmund. (2007). *Formulaciones sobre los dos principios Del acaecer psíquico*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 12. p. 223-231. (Originalmente publicado em 1911).
- Freud, Sigmund. (2004). *Más allá Del principio de placer*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 18. p. 7-62. (Originalmente publicado em 1920).
- Freud, Sigmund. (2003). *Lo Inconsciente*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. p. 153-213. (Originalmente publicado em 1915).
- Freud, Sigmund. (2005). *Las neuropsicosos de defensa*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 3. (Originalmente publicado em 1894).
- Freud, Sigmund. (2004). *Dos artículos de enciclopedia*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 18. (Originalmente publicado em 1923).
- Freud, Sigmund. (2001). *Carta 84*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 1. (Originalmente publicado em 1950).

Freud, Sigmund. (2001). *Tres ensayos de teoría sexual*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 7. (Originalmente publicado em 1905).

Freud, Sigmund. (2001). *Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. (Originalmente publicado em 1915).

Freud, Sigmund. (2001). *Pulsiones y destinos de pulsión*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu. Volume 14. (Originalmente publicado em 1915).

Gabbi Jr., Osmyr Faria. (2003). *Notas críticas sobre Entwurf Einer Psychologie*. Em S. Freud, Projeto de uma psicologia. Rio de Janeiro: Imago.

Garcia-Roza, Luiz Alfredo. (2004). *Introdução a metapsicologia freudiana*. (Vol. 1). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Garcia-Roza, Luiz Alfredo. (2008). *Introdução a metapsicologia freudiana*. (Vol. 2). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Honda, Helio. (2008). *O caso clínico e a constituição da metapsicologia freudiana*. Em Um retorno a Freud. Leite, N. V. A. Org. Campinas: Mercado de Letras.

Laplanche & Pontalis. (2008). *Vocabulário da Psicanálise*. (Trad. de Pedro Tamen). São Paulo: Martins Fontes. (Originalmente publicado em 1967).

Masson, J. M.. (1986). *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess*. Rio de Janeiro: Imago.

Monzani, Luiz Roberto. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: editora da UNICAMP.

Simanke, Richard Theisen. (2002). *Mente, cérebro e consciência nos primórdios da metapsicologia freudiana: uma análise do projeto de uma psicologia (1895)*. São Carlos: Edufscar.

Souza, Pricila Pesqueira. (2009). *A Construção do conceito de eu na obra de Freud (1895 – 1923)*. Dissertação de mestrado não-publicada, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Brasil.

Strachey, James. (2001). Nota Introductoria a Proyecto de Psicología. Em: Freud, Sigmund. Proyecto de Psicología. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). Buenos Aires: Amorrortu. Volume 1. (Originalmente publicado em 1966).

Strachey, James. (2001). Nota introductoria a Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico. Em: Freud, Sigmund. Formulaciones sobre los dos principios del acaecer psíquico. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). Buenos Aires: Amorrortu. Volume 12. (Originalmente publicado em 1958).

Strachey, James. (2001). Nota de rodapé ao capítulo VII de La interpretación de los sueños. Em: Freud, Sigmund. La interpretación de los sueños. Obras Completas. (Trad. de José Luis Etcheverry). Buenos Aires: Amorrortu. Volume 5. (Originalmente publicado em 1953).